

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
FACULDADE DE ARQUITECTURA

**PROJECTAR COM MENOS PARA CONSEGUIR MAIS NA REABILITAÇÃO  
DO CONVENTO-HOSPITAL DE SANTA MARTA  
Contributos para uma intervenção mais sustentável**

**FILIPA ISABEL PERALTA E TATO**

(Licenciada em estudos arquitectónicos)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**Orientador científico**

Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

**Júri:**

Presidente: Doutora Filipa Roseta

Vogais:

Doutor José Aguiar

Arquitecta Especialista Patrícia Matias

Lisboa, FAUTL, Julho, 2013

## RESUMO

Esta dissertação tem como intento esclarecer os propósitos, o processo e o método, com que se abordou uma intervenção de reabilitação, para novos usos, do antigo Convento-Hospital de Santa Marta, na Colina de Santana em Lisboa – informando-a no sentido de integrar novos paradigmas, como o da premente necessidade de conseguir uma nova sustentabilidade económica, mas também ambiental e social em todo o processo de programação e projecto.

Sendo a sustentabilidade um tema tão vasto, e podendo-se relacionar com o processo de projecto de maneiras tão diversas, procurou-se colocar o foco apenas nas questões que se relacionam com o tipo de intervenção, a escolha programática, a resolução espacial, e a escolha das materialidades e sistemas construtivos, procurando apresentar, informar e sustentar estas importantes etapas do pensamento de projecto.

Concluiu-se ser efectivamente importante ter como base do processo projectual um método e um processo de pensamento que relacione as diversas etapas do “metaprojecto” (i.e. da organização e desenvolvimento do projecto) com as questões económicas, sociais e ambientais inerentes ao conceito da sustentabilidade. Permitir a criação de uma obra que perdure no tempo, preservando valores e qualidades, procurando manter espaços com identidade é hoje um imperativo ético e social que se impõe à atenção dos projectistas, no sentido de reverem e melhorarem os seus processos de intervenção no território e perante obras já construídas.

Palavras-chave: Reutilizar, Reabilitar, Re-Arquitectar, Sustentabilidade, Memória, Construir com o construído.

## ABSTRACT

This dissertation has the purpose to clarify the objectives, the process and the method, used on the approach of a rehabilitation intervention, for new uses, of the ancient Convent-Hospital of Santa Marta, on the Colina de Santana in Lisbon – informing it in an effort to integrate new paradigms, such as the urgent need to achieve a new economic sustainability, but also environmental and social, throughout the all programming and project process.

Sustainability is such a broad theme, and can be related with the project process in so many different ways that the author sought to put the focus just on the issues related to the type of intervention, the programmatic choice, the spatial resolution, and the selection of the materials and the construction systems, trying to present, inform and sustain these important steps in the project thinking.

It was found to be really important to base the project process on a method and thinking process that relate the various stages of the “metaproject” (the project organization and development) with the economic, social and environmental issues inherent to in the concept of sustainability. To allow the creation of a work that lasts in time, preserving values and qualities, trying to keep spaces with identity, is now a social and ethical imperative that imposes itself to the attention of designers, in order to review and improve their intervention processes in the territory and in the built heritage.

Keywords: Reuse, Rehabilitate, “Rearchitecting”, Sustainability, Memory, Build with the built.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar às pessoas mais importantes da minha vida pelo apoio que me deram ou simplesmente por existirem e alegrarem cada dia em que me debrucei sobre este trabalho e projecto – a minha mãe, o meu pai e o meu irmão.

Quero agradecer aos meus colegas pelo apoio e força que me deram. Gostaria de fazer referência aos três que mais me acompanharam nesta caminhada, não querendo com isto dizer que os outros não tenham tido a sua importância. Agradeço à Joana Marques por me aturar quase todos os dias, ouvindo sempre os meus desabafos; à Ana João por nunca recusar ajudar e pelo exemplo de trabalho e dedicação; e ao Marcos Gonilho pela ajuda e pela sua sempre boa disposição!

Agradeço a amabilidade e entusiasmo com que a Dra. Célia Pilão nos atendeu e ajudou sempre, incansavelmente, guiando-nos por visitas ao Hospital Santa Marta e presenteando-nos com toda a sua alegre sabedoria sobre a história deste complexo. O seu apoio foi crucial para a elaboração desse Projecto.

Agradeço finalmente (e diria obviamente) aos Professores de Projecto: ao meu orientador e Professor Arq. José Aguiar pelo apoio prático e teórico, e ao Prof. Arq. Pedro Pacheco pelo apoio prático.



## ÍNDICE GERAL

Resumo.....	I
Abstract.....	II
Agradecimentos.....	III
Índice geral.....	V
Índice de figuras.....	VII
Índice de quadros.....	VII
1. Introdução.....	1
1.1 Objecto, enquadramento e justificação do tema.....	1
1.2 Objectivos do trabalho.....	1
1.3 Metodologia.....	2
1.4 Delimitação do universo de estudo.....	2
1.5 Estrutura do documento.....	2
2. Estado da Arte.....	4
2.1. Sustentabilidade.....	4
2.2. Importância da Reabilitação.....	8
2.3. Reutilização e reciclagem.....	11
2.3.1 Reutilização e reciclagem de materiais.....	12
3. Um projecto de reabilitação do Convento/Hospital de Santa Marta.....	16
3.1 Localização e contexto geral.....	16
3.2 História.....	18
3.3 Permanências/memória.....	24
3.4 Vocação.....	26
3.5 Tipo de intervenção.....	26
3.6 A definição de um programa.....	27
3.7 A envolvente exterior.....	37
3.8 A escolha das materialidades e sistemas construtivos.....	38
3.8.1 Os materiais preexistentes.....	38
3.8.2 O reaproveitamento dos desperdícios.....	43
3.8.3 Os novos materiais e sistemas construtivos.....	44

3.9 Nota final sobre aspectos relativos à sustentabilidade do projecto .....	46
4. Conclusão .....	47
Referências bibliográficas .....	49
Anexos	
A1. Análise urbana .....	A1-1
Rede de transportes .....	A1-1
Planta de usos - Saúde .....	A1-2
Planta de usos – Ensino .....	A1-3
Planta de usos – Equipamentos desportivos .....	A1-4
Planta de usos – Prédios devolutos .....	A1-5
Rede de espaços verdes .....	A1-6
A2. Dados estatísticos referentes à população da freguesia do Coração de Jesus .....	A2-1
A3. Fotos actuais .....	A3-1
A4. Peças desenhadas da proposta projectual .....	A4-1
Painel síntese 1 .....	A4-1
Painel síntese 2 .....	A4-2
Planta de coberturas .....	A4-3
Planta nível 4, 3 e 2 .....	A4-4
Planta nível 1 .....	A4-5
Planta nível 0 e -1 .....	A4-6
Cortes .....	A4-7
Texturas e cores .....	A4-9
Planta e corte construtivo de apartamento da Residência Sénior .....	A4-10
Apartamento da Residência Sénior .....	A4-11
A5. Fotos de maqueta .....	A5-1
A6. Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila .....	A6-1

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: O desenvolvimento sustentável.....	6
Figura 2: Localização do Hospital Santa Marta na Colina de Santana.....	16
Figura 3: <i>Bird View</i> do Hospital Santa Marta.....	17
Figura 4: Planta do estado do Convento no ano de 1612.....	19
Figura 5: Imagem ilustrativa da fase correspondente aos primeiros anos do século XX.....	20
Figura 6: Imagem correspondente à última metade do século XX.....	21
Figura 7: Planta da época de construção dos edifícios.....	22
Figura 8: [1780] Retirado e adaptado de Planta topográfica de Lisboa, Coleção Vieira da Silva.....	23
Figura 9: [1856-58] Retirado e adaptado de Planta de Filipe Folque.....	23
Figura 10: [1904-1911] Retirado e adaptado de Planta de Silva Pinto.....	23
Figura 11: [1975] Retirado e adaptado de Carta Militar de Lisboa.....	24
Figura 12: As permanências de longo prazo.....	25
Figura 13: Planta da situação actual da área de intervenção com indicação das áreas a demolir a vermelho.....	27
Figura 14: Proposta de novos usos para os Hospitais da Colina de Santana.....	29
Figura 15: Diagrama da situação programática actual.....	30
Figura 16: Diagrama programático proposto completo.....	35
Figura 17: Diagrama da sucessão do tipo de espaços verdes na área de intervenção.....	37
Figura 18: Sala do capítulo.....	42
Figuras 19 e 20: Pavimento da faculdade Anna Nery no Brasil.....	42
Figura 21: Janelas do edifício do claustro.....	43
Figura 22: Pavimento actual no coro baixo.....	45

Nota: as figuras sem indicação de fonte são crédito da autora do trabalho.

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Resíduos de Construção e Demolição: Aumentos e Reciclagem.....	14
Quadro 2: Levantamento de materiais.....	39



# Design with less to get more in the rehabilitation of the Convent-Hospital of Santa Marta

## Contributions to a more sustainable intervention

Nome da aluna: Filipa Isabel Peralta e Tato

Orientador: Professor Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar Portela da Costa

Mestrado: Integrado em Arquitectura

Data: 28 de Julho de 2013

### ABSTRACT

This dissertation has the purpose to clarify the objectives, the process and the method, used on the approach of a rehabilitation intervention, for new uses, of the ancient Convent-Hospital of Santa Marta, on the Colina de Santana in Lisbon – informing it in an effort to integrate new paradigms, such as the urgent need to achieve a new economic sustainability, but also environmental and social, throughout the all programming and project process.

Sustainability is such a broad theme, and can be related with the project process in so many different ways that the author sought to put the focus just on the issues related to the type of intervention, the programmatic choice, the spatial resolution, and the selection of the materials and the construction systems, trying to present, inform and sustain these important steps in the project thinking.

It was found to be really important to base the project process on a method and thinking process that relate the various stages of the “metaproject” (the project organization and development) with the economic, social and environmental issues inherent to in the concept of sustainability. To allow the creation of a work that lasts in time, preserving values and qualities, trying to keep spaces with identity, is now a social and ethical imperative that imposes itself to the attention of designers, in order to review and improve their intervention processes in the territory and in the built heritage.

Keywords: Reuse, Rehabilitate, “Rearchitecting”, Sustainability, Memory, Build with the built.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Objecto, enquadramento e justificação do tema

Esta dissertação debruça-se sobre o projecto de reabilitação do Convento-Hospital Santa Marta, na Colina de Santana em Lisboa, procurando abordá-lo numa perspectiva de sustentabilidade a vários níveis.

A sustentabilidade é hoje mais do que nunca um conceito preponderante numa sociedade como a nossa a braços com uma crise gravíssima económica e ambiental com consequente rutura social, e deve, a meu ver, informar a metodologia arquitectónica, do pensar e do projectar em todas as intervenções por parte dos Arquitectos.

A nível pessoal considero assim ser pertinente a realização deste pequeno desenvolvimento teórico sobre a componente prática orientando o meu processo projectual e fortalecendo a minha metodologia de trabalho e a minha linha de pensamento em projectos futuros.

### 1.2 Objectivos do trabalho

Este trabalho pretende perceber como uma visão sustentável pode influenciar a metodologia projectual e as decisões de projecto, tentando sempre que possível a aplicação dos conceitos no exercício prático.

Quer-se pensar sobre o que é projectar em plena crise económica, numa óptica de um projectar com menos para conseguir mais (ou a problemática da intervenção mínima como estratégia de conservação máxima), e projectar em plena crise ambiental, a qual nos põe face a um problema de excesso de exploração dos recursos do planeta, enorme desaproveitamento e inutilização de produtos, acréscimo exponencial de detritos e desperdícios, poluição ambiental e visual (aterros, entulho, etc.).

Pretende-se perceber quais as vantagens especiais do reabilitar e do reutilizar como metodologia projectual, verificando a sua pertinência a vários níveis disciplinares.

Ao nível prático da intervenção pretende-se realizar a readaptação programática do edificado existente, resolvendo a complexidade da satisfação de exigências funcionais contemporâneas garantindo a salvaguarda de valores culturais e arquitectónicos; tendo em vista igualmente a necessidade de organizar e de redefinir o espaço exterior da área de intervenção como processo de restituição à cidade e ao uso público de equipamentos urbanos de tão grande importância como são os antigos hospitais/conventos.

### 1.3 Metodologia

A metodologia de trabalho tem como base a procura de conteúdo teórico, através de consulta bibliográfica e pesquisa electrónica, que informe uma metodologia projectual que busca uma intervenção sustentável, produzindo um pensar sobre o próprio acto de projectar – metaprojecto.

Após a explanação de conceitos e ideias no Estado da Arte, pretende-se apresentar o próprio processo projectual da proposta de intervenção para o Hospital de Santa Marta, expondo, descrevendo e justificando as opções tomadas que têm em vista uma intervenção mais sustentável em todos os âmbitos.

### 1.4 Delimitação do universo de estudo

A questão da sustentabilidade é vastíssima abarcando áreas que para o presente caso de Projecto não se considerou importante ou sequer aplicável, quer pela falta de pertinência ao nível arquitectónico tendo em conta os diversos valores e qualidades da obra construída quer para o diminuto espaço de tempo disponível para a realização deste trabalho de Projecto Final de Mestrado. As questões que se consideraram mais importantes foram aquelas que se relacionam com o tipo de intervenção, a escolha programática, a resolução espacial, e a escolha das materialidades e sistemas construtivos.

Apesar de se ter feito um esforço para a resolução da problemática de Projecto em toda a extensão da área de intervenção, passando não só por todo o edificado como pelo espaço exterior quer privado quer público, foi dado um maior enfoque à readaptação do edifício do claustro e a área exterior.

É de referir que para uma mais acurada intervenção e dissertação dever-se-ia realizar um estudo muito mais profundo das preexistências e fazer mais visitas e mais completas o que não foi possível.

### 1.5 Estrutura do documento

O estado da arte apresenta-se dividido em três subcapítulos sendo o primeiro destinado a apresentar o conceito da sustentabilidade, como surgiu, como evoluiu e que iniciativas foram tomadas ao nível internacional.

De seguida procura-se encontrar e justificar a importância da reabilitação para uma intervenção sustentável. São clarificados os conceitos ligados a outros tipos de intervenção como a renovação ou a conservação.

Por fim é dedicado um subcapítulo ao tema da reutilização e reciclagem, dois processos intimamente ligados à questão da sustentabilidade.

Imediatamente após o estado da arte surge mais concretamente o projecto de reabilitação do Convento/Hospital Santa Marta com o seu desenvolvimento dentro da temática abordada por esta dissertação.

Este capítulo está subdividido em oito, começando com a apresentação da localização da área de intervenção e contexto geral; seguindo-se um resumo da história do lugar, a análise das permanências, memória e vocação; findando com um aprofundamento sobre o tipo de intervenção escolhido, a definição programática e a escolha da materialidade e sistemas construtivos. Neste último apresenta-se a informação em três partes, a primeira é relativa aos materiais preexistentes, a seguinte ao reaproveitamento dos desperdícios e o último é sobre os materiais e sistemas construtivos novos.

## 2. ESTADO DA ARTE

*«Como actores envolvidos na transformação do ambiente construído; novas construções e/ou intervenções; os designers podem e devem contribuir para o aumento da consciência sobre a vida útil [lifespan] – considerando o passado, o presente e o futuro do edificado – e consequentemente a preservação do ambiente, através das suas propostas.» - Ana Pereira Roders<sup>1</sup>*

Ana Roders propõe o processo global de REARQUITECTAR como tarefa fundamental da nossa geração. O que significa projectar no construído como resposta à involução demográfica europeia e à constatação de que quase todos os equipamentos de que necessitamos já se encontram disponíveis. Assim, a sua reciclagem na cidade dão sentido às Arquitecturas do futuro Europeu (obviamente em outras culturas e realidades as pressões são bem diversas), futuro que se pretende sustentável.

### 2.1 Sustentabilidade

A palavra sustentabilidade está na ordem do dia, mas apesar de se pensar que é um conceito recente e que pôs em causa o pensamento mecanicista do séc. XX, o que é facto é que era algo bastante familiar nos tempos mais longínquos, quando viver em equilíbrio com a natureza era essencial para alguma qualidade de vida e mesmo para a sobrevivência.

Particularizando, os antigos Conventos eram estruturas heterogéneas que, por estarem normalmente localizadas fora dos núcleos urbanos e pela vida conventual se caracterizar por um afastamento em relação ao mundo, se demarcavam pela sua auto-sustentabilidade. Como afirmam os professores J. Aguiar e P. Pacheco: *«O CONVENTO representa uma entidade espacial complexa, nas constantes expressas na sua estrutura tipológica e na capacidade demonstrada pela sua polivalência centenária. Poderá ter sido, muito provavelmente, a génese tipológica do equipamento público contemporâneo.»*<sup>2</sup> A sustentabilidade é portanto um conceito muito caro às estruturas conventuais, e por conseguinte a esta dissertação que se debruça sobre o caso da reafecção do Antigo Convento de Santa Marta.

---

<sup>1</sup> Tradução livre da citação original – «As actors involved in the transformation of the built environment; new construction and/or interventions; designers can and should contribute to the raise of lifespan consciousness - considering the building's past, present and future - and consequent environmental preservation, through their design proposals.» - retirada da tese de doutoramento de Ana Pereira Roders – *RE-ARCHITECTURE: Lifespan rehabilitation of built heritage, basis*. Eindhoven: Technische Universiteit Eindhoven, 2007, p.55.

<sup>2</sup> Policopiado, José Aguiar e Pedro Pacheco – CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO, HETEROTOPIAS, MEMÓRIA E CIDADE - A COLINA DE SANT'ANA, Doc 02, p.7.

O interesse político e intelectual por este conceito é sim, de facto, bastante recente, podendo-se sistematizar o actual contexto em duas etapas.

A última etapa pode-se dizer que corresponde ao processo de RE-ARQUITECTAR de que nos fala Ana Roders (voltar-se-á a tocar neste assunto mais à frente), já a primeira etapa surge com a crise energética que se iniciou com a crise petrolífera de 1973 originada por mais um conflito armado no Médio Oriente (a guerra de Yom Kippur entre Israel e o Egipto). Esta crise foi assim chamada porque se cortou ou reduziu bastante a exportação de petróleo para alguns países da Europa, tendo como consequência um aumento substancial do preço do barril de petróleo. Com este choque o mundo desenvolvido tomou consciência para a importância da procura de fontes de energia alternativas, renováveis. Esta tomada de consciência foi principalmente devida a factores de ordem económica e política, pois para a Europa e Estados Unidos uma excessiva dependência do Médio Oriente é claramente indesejada, o que mostra como o interesse político, o tipo de economia são o motor principal das decisões tomadas neste mundo. No artigo “O Território, a Cidade e a Arquitectura face à Mudança do Paradigma Energético” publicado na revista ARTiTEXTOS 04 de Junho de 2007, o Professor Arq. Rui Barreiros Duarte chega mesmo a enfatizar que o próprio petróleo «... num curto espaço de tempo alterou toda a estratégia mundial, afectou os territórios, a atmosfera e o desenvolvimento das cidades, a arquitectura, a guerra, os meios e os modos de produção, e a vida quotidiana em todo o mundo.»<sup>3</sup>

Contudo foi de facto a partir deste momento, que se deu uma consciencialização a nível ambiental.

É esta etapa que inicia uma nova identidade europeia marcada pelo fim da política das cidades novas, sendo a última Milton Keynes a 50km de Londres (1967). Essa identidade passa pela preservação, valorização e revitalização da história, do património, da tradição, da memória, tudo factores que o Velho Continente tem de especial e único.

Várias conferências para reflectir e debater as questões da crise económica e ambiental surgem entretanto, e em 1983 as Nações Unidas criam a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, chamada de Comissão Brundtland.

Neste âmbito surgem então os termos “*Sustentabilidade*” ou “*Desenvolvimento Sustentável*”. Ambos os conceitos são muito amplos sendo difíceis de definir, tendo havido ao longo dos tempos uma procura de uma definição mais concreta. A definição mais usada nos últimos 25 anos para Desenvolvimento Sustentável foi proposta pelo relatório de Brundtland em 1987 – Our Common Future – «*O desenvolvimento que vai*

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.rbdapp.com/artitextos04.pdf> - Acedido em 27 de Maio de 2013, p.1.

*de encontro às necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade de desenvolvimento das gerações futuras». Neste mesmo relatório é enfatizado o facto de o desenvolvimento sustentável não dizer respeito apenas à protecção do ambiente mas igualmente às questões sociais e económicas: «A imagem de uma evolução sustentável implica o conceito de por em sintonia o melhoramento das situações económicas e sociais das pessoas e assegurar, a longo prazo, das necessidades naturais da vida. A protecção do ambiente não pode ser o último factor a considerar devendo, sim, integrar-se em toda a evolução. A evolução sustentável requer a consideração dos factores ecológicos, económicos e sociais numa política nacional e global.»<sup>4</sup>*



Figura 1: O desenvolvimento sustentável

Este relatório analisou as diligências pós crise criadas sobre estas matérias apresentando uma síntese crítica do caminho de desenvolvimento escolhido pelos países industrializados. Propôs a adopção de um conjunto de medidas gerais focadas num desenvolvimento sustentável como a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas; a limitação do crescimento populacional; a garantia de recursos básicos (alimentos, água, energia) a longo prazo; a diminuição do consumo de energia; o uso generalizado e desenvolvimento de tecnologias provenientes de fontes renováveis; o controlo da urbanização desordenada e aumento da relação cidade-campo; a resposta às necessidades básicas (escola, saúde, morada); extinguir as guerras e conflitos; implantação de um programa de desenvolvimento sustentável pela Organização das Nações Unidas (ONU); entre várias outras. Deixa assim caminho aberto para posterior definição de soluções mais concretas a nível global e local.

Em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco 92, no Rio de Janeiro – o conceito de Desenvolvimento Sustentável foi definitivamente incorporado como um princípio. No seguimento surge

---

<sup>4</sup> Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future, 1987

um dos principais resultados – a Agenda 21, que veio enfatizar a importância de os países, a nível local e global, reflectirem, debaterem e arranjar soluções para um futuro sustentável a todos os níveis.

Em 1997, realizou-se a terceira Convenção do Quadro das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Quioto, no Japão, revendo as questões reflectidas e estudadas, culminando na assinatura por parte de diversos países do Protocolo de Quioto. Estes comprometeram-se a “*reduzir as suas emissões de Gases de Efeito de Estufa (GEE) em pelo menos 5% em relação aos níveis de 1990 (caso de 39 países dos 160 participantes) e 8% nos países da EU, até o período entre 2008 e 2012*”<sup>5</sup>. O protocolo foi discutido em 1997, aberto para assinaturas no ano seguinte e entrou em vigor em Fevereiro de 2005. Este compromisso, com vínculo legal, pretendeu alcançar uma reversão da tendência da história do crescimento de emissões iniciada há cerca de 150 anos. O Protocolo estima que, se for implementado com sucesso, a previsão do aumento de temperatura global da Planeta possa ser reduzida em 1,4°C e 5,8°C até 2100.

Outras iniciativas são tomadas entretanto, mas apesar de estas e as anteriores serem bem intencionadas acabam por ter um papel mais teórico que prático e activo como seria desejável, no entanto é importante o reconhecimento cada vez maior da interdependência dos níveis económico, social e ambiental no desenvolvimento sustentável. É de salientar também a criação de sistemas internacionais e nacionais de certificação e orientação ambiental de edifícios, que medem o seu desempenho ao nível do *design*, construção e manutenção permitindo uma comparação entre edificações e a beneficiação daquelas que atingem melhores resultados incentivando melhores práticas no campo da construção, arquitectura e urbanismo. Os sistemas mais conhecidos são o LEED e o BREEAM (sistemas internacionais) e o LIDERA (sistema português).

Em suma, e como diz Duarte Cabral de Mello, o conceito de sustentabilidade tem que deixar de ser visto meramente como uma moda “*para passar a constituir-se como um imperativo ético determinante, colectivo e sem heróis*”<sup>6</sup>.

Operacionalizar este conceito no campo prático da Arquitectura é o objectivo desta presente dissertação.

---

<sup>5</sup> Protocolo de Quioto relativo às alterações climáticas, 2002

<sup>6</sup> Citação retirada da tese de mestrado de Sandra M. F. S. Evangelista – *Sustentabilidade em Centros Históricos, A Baixa Pombalina*. Lisboa: IST, UTL, Dezembro 2008, p.21.



## 2.2 Importância da Reabilitação para uma intervenção sustentável

Para uma definição de Reabilitação propõe-se a perspectiva apresentada por José Paiva, José Aguiar e Ana Pinho, no “Guia Técnico de Reabilitação Habitacional”<sup>7</sup>. Os editores-autores começam por apresentar conceitos base, necessários para a compreensão da definição de Reabilitação, fazendo referência às definições que surgem da “Carta Italiana de Conservação e Restauro dos Objectos de Arte e Cultura”<sup>8</sup> – a Conservação é descrita como o conjunto de acções de *prevenção* e *salvaguarda* com o objectivo de assegurar uma duração da configuração material do objecto em questão, de preferência, ilimitada; a Prevenção apresenta-se como o conjunto de procedimentos de conservação que surgem do conhecimento da situação do objecto em causa e das condições do seu contexto ambiental; o Restauro é qualquer intervenção que restitua ao objecto, dentro do possível, maior legibilidade e o uso, dentro dos parâmetros da Conservação; e, por fim, Reabilitação trata-se, sinteticamente, do «(...) *conjunto de operações dirigidas à conservação e ao restauro das partes significativas – em termos históricos e estéticos – de uma arquitectura, incluindo a sua beneficiação geral, de forma a permitir-lhe satisfazer a níveis de desempenho e exigências funcionais atualizadas*»<sup>9</sup>.

Na Europa, mas muito mais lentamente em Portugal as práticas de salvaguarda de *património* foram evoluindo desde uma actuação a nível unicamente estético apenas em objectos arquitectónicos isolados, para uma visão integrada a nível urbano de articulação entre edificado, espaço público, usos e tecido urbano numa intervenção cuidada e multidisciplinar que coloca em uníssono as questões sociais, económicas, ambientais, estéticas, históricas e funcionais, não só preservando os valores patrimoniais, como melhorando a habitabilidade e qualidade de vida das pessoas – uma **reabilitação urbana integrada**. «A *reabilitação urbana, tal como hoje é entendida – recuperação e beneficiação geral de áreas urbanas degradadas (históricas ou não) nos seus vários aspectos (do físico e morfológico, à revitalização socioeconómica e funcional) – constitui-se (...) ainda como uma política de intervenção na cidade relativamente inovadora e com um passado ainda demasiado recente, sobretudo em Portugal.*»<sup>10</sup>

<sup>7</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho – *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Volume I. 1ª edição. Lisboa: INH e LNEC, 2006.

<sup>8</sup> Redacção da Carta Italiana de Conservação e Restauro dos Objectos de Arte e Cultura (não promulgada), In Maria Justicia – *Antologia de textos sobre restauracion*.

<sup>9</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho, Ana, cit.7, p.16.

<sup>10</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho, Ana, cit.7, p.16.

Este é assim um conceito muito mais vasto, completo e consequentemente complexo, que contribui (ou que deve contribuir) para «(...) a *integração dos tecidos e edifícios na vida contemporânea, dando-lhes uma função actual e socialmente útil e preservando ao mesmo tempo os elementos de interesse cultural*»<sup>11</sup>; para a salvaguarda da identidade e carácter dos lugares pela preservação do tecido social (população, tradições, culturas, hábitos); para a coesão social e territorial; para uma maior justiça social; para a melhoria da qualidade do ambiente urbano; a *atractividade* da urbe (para habitantes, turistas, economia local); a melhoria da qualidade de vida das populações; a diminuição de esforços de deslocação por meio do aumento da habitabilidade dos centros históricos; a poupança de recursos – «(...) *possibilita economias de energia, de matérias-primas (...) e de infra-estruturas, repondo recursos endógenos (o recurso aos materiais locais, por exemplo)*»<sup>12</sup> – e a diminuição da produção de desperdícios; para «(...) *respeitar a escala, a natureza, o carácter e a capacidade do ambiente físico e do ambiente social do local e limitar o desenvolvimento às capacidades efectivas aí existentes (...)*»<sup>13</sup>; e o envolvimento das populações no processo.

A Reabilitação tornou-se um instrumento chave das políticas Europeias (repare-se na atenção do Conselho da Europa, sobre o assunto) é assim um conceito chave para uma política de intervenção sustentável a todos os níveis, é a metodologia capaz de construir um sistema equilibrado; pode atenuar as diferenças sociais, estimular o desenvolvimento económico e otimizar a utilização de recursos poupando o ambiente. E cita-se um documento chave para as actuais estratégias: “Os aspectos económicos e sociais do processo de reabilitação não podem ser dissociados da sua dimensão patrimonial, mas antes eles incorporam-no, mostrando-lhe uma nova luz. O património cultural torna-se, portanto, um factor chave para a melhoria das condições de vida, o aumento da coesão social e a promoção do desenvolvimento económico sustentável.”<sup>14</sup>

Importa referir que Reabilitação Urbana é um conceito bem diferente das anteriores propostas de Renovação Urbana referindo-se estas a actuações assentes na

---

<sup>11</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho, cit.7, p.90.

<sup>12</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho, Ana, cit.7, p.95.

<sup>13</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho, Ana, cit.7, p.99.

<sup>14</sup> Tradução livre e adaptação da citação: «*The economic and social aspects of the rehabilitation process cannot be dissociated from its heritage dimension, or rather they incorporate it, showing it in a new light. The cultural heritage thus becomes a key factor in improving living conditions, enhancing social cohesion and fostering sustainable economic development*» retirado de: COE (2004) *Guidance on urban rehabilitation*, Strasbourg: Council of Europe (COE), disponível em:

[http://book.coe.int/EN/ficheouvrage.php?PAGEID=36&lang=EN&produit\\_aliasid=1825](http://book.coe.int/EN/ficheouvrage.php?PAGEID=36&lang=EN&produit_aliasid=1825)

substituição das malhas e morfologias urbanas pré-existentes por um novo tecido de desenho contemporâneo, sem *memória*.

Fátima Fernandes e Michele Cannatà, no texto intitulado «Reciclar o existente e requalificar o território»<sup>15</sup> enfatizam o facto de a Reabilitação não dever ser vista como exclusiva daquilo que é considerado Património – «... *parece-nos necessário sublinhar e contestar a ideia corrente que induz a pensar que os projectos de reabilitação se limitam às áreas dos centros históricos ou ao património classificado, para afirmar que a necessidade de dar qualidade ao espaço construído não pode ser limitada apenas aos monumentos ou aos lugares carregados de história, mas sim a todos os lugares artificiais, privados por diferentes motivos, das mais elementares qualidades arquitectónicas, necessárias ao Homem.*»<sup>16</sup> Para os autores, o facto de se associar a Reabilitação à recuperação do património tem deixado de lado a maior parte do território artificial, o que resulta num claro empobrecimento da realidade urbana, levando a políticas de desenvolvimento massivas, desqualificadas, ausentes de qualidade urbana. «*A forma de ocupação do território, o estado de abandono do património edificado e a perda de identidade do espaço público, são os sinais mais evidentes do desperdício económico provocado pela falta de uma política de gestão do ambiente habitado e da quase inexistência de uma cultura contemporânea do habitar.*»<sup>17</sup> A Reabilitação tem a capacidade de poder proporcionar uma equilibrada solução para estes problemas se olhar de forma integrada para os três termos conexos – económico, político e cultural.

Cannatà e Fernandes apresentam uma visão de qual deverá ser o trabalho do Arquitecto face a centros urbanos que dizem possuir uma grande reserva económica e grande património cultural, que vai de encontro ao que é procurado, em particular, neste projecto para o Hospital Santa Marta, – «*Podemos e devemos usar esta economia de capital existente, acumulado em centenas de anos, na construção do nosso futuro. As novas actividades podem ser implementadas em edifícios construídos para servir ofícios antigos se tivermos a capacidade de efectuar as alterações necessárias salvaguardando o que é importante e introduzido o que é necessário.*»<sup>18</sup> - convictos de que a prática da reabilitação tem capacidade para se afirmar como uma outra perspectiva de uma sociedade sustentável.

---

<sup>15</sup> Fátima Fernandes e Michele Cannatà – *Territórios Reabilitados / Revamped Landscape*. 1ª Edição. Lisboa: Editora Caleidoscópio, Outubro de 2009.

<sup>16</sup> Fátima Fernandes e Michele Cannatà, cit.15, p.9.

<sup>17</sup> Fátima Fernandes e Michele Cannatà, cit.15, p.9.

<sup>18</sup> Fátima Fernandes e Michele Cannatà, cit.15, p.13.

Ana Roders, na sua tese de Doutoramento “RE-ARCHITECTURE: Lifespan rehabilitation of built heritage, basis”<sup>19</sup> propõe um processo projectual que suporte e oriente os Arquitectos em intervenções de reabilitação no património construído, visando também aumentar a consciência dos projectistas para as questões da vida útil do objecto arquitectónico, considerando e respeitando o seu passado, presente e futuro. Através de um estudo detalhado de como deverão ser as etapas do antes e do durante o projecto, olhando para os problemas ambientais, sociais, projectuais, económicos, ecológicos, históricos, patrimoniais, entre outros, apresenta-nos como que um guião direccionado para o intervir na Arquitectura com Arquitectura, ou seja, um “re-arquitectar”.

### 2.3 Reutilização e reciclagem

*«A vida útil do património construído fornece uma introdução para uma nova geração de arquitectura ecológica, que privilegia a realocação, o reprocesso e a reciclagem das formas, componentes e materiais do edificado; em detrimento de novos materiais adicionados à intervenção de reabilitação. Tal geração abre novos campos no desenvolvimento de produtos de construção em segunda mão, ainda por explorar na maioria dos países. Mais ainda, existe a necessidade de procurar produtos standard amigos do ambiente, quando integrados nos edifícios existentes. Nem sempre a preexistência está preparada para os objectivos que são requeridos para a nova existência e é sempre melhor adaptar as adições ao que sobra, do que subtrair preexistência para adaptar o que resta às adições; tendo sempre em mente que a reabilitação de um edifício tem como objectivo melhorar e não substituir o edifício.»*<sup>20</sup> -

Ana Pereira Roders

Quando se fala de reutilização ou reciclagem vem à imagem normalmente apenas o literal reuso de produtos dando-lhes propósitos novos ou devolvendo-lhes a vida, mas estes conceitos não têm que ser vistos apenas desta forma. A Reabilitação tem uma forte ligação com a metodologia da Reutilização pois ela própria *«(...) surge como uma possibilidade concreta de reutilizar as arquitecturas, a estrutura e os elementos*

---

<sup>19</sup> Ana Pereira Roders – *RE-ARCHITECTURE: Lifespan rehabilitation of built heritage, basis*. Eindhoven: Technische Universiteit Eindhoven, 2007. 231pp.

<sup>20</sup> Tradução livre da citação original – *«Lifespan rehabilitation of built heritage gives an introduction for a new generation of ecological architecture, which privileges the relocation, reprocess and recycle of building forms, components and materials; in detriment of new materials added to the rehabilitation intervention. Such generation opens new fields on the development of “second hand” construction products, still to explore in most countries of the world. Moreover, there is also the need to research standard environmental-friendly products, when integrated into existent buildings. Not always, the pre-existence is prepared for the aims that are required for the new existence and it is always better to adapt the additions to the remainings, than subtract pre-existence and adapt the remainings to the additions; having always in mind, that a building rehabilitation aims to improve and not to replace the building.»* - retirada da tese de doutoramento de Ana Pereira Roders, cit. 19, p.41.

*construtivos dos edifícios antigos, adaptando-os a necessidades e exigências de uso contemporâneas, mas evitando ao máximo a perda dos seus valores estéticos, históricos, arquitectónicos e urbanísticos essenciais.»*<sup>21</sup> A reabilitação procura reutilizar ao máximo espaços, partes, elementos e materiais, validando estes processos com abordagens funcionais (a escolha do Programa mais adequado) tanto quanto materiais (a reutilização dos materiais constituintes). Dir-se-ia mesmo que a Reabilitação Urbana, como Reutilização, é de aplicação de todo necessária num país como o nosso onde o parque edificado ultrapassou já o ponto de rotura, estando na sua maioria desocupado. Para uma intervenção sustentável é premente que haja uma tentativa de maximizar a reutilização e reciclagem de edifícios, espaços, elementos, materiais constitutivos, abraçando a complexidade que pode ser o processo de adaptação ao viver contemporâneo sem deixar de salvaguardar os valores pré-existentes, desde os arquitectónicos e artísticos aos culturais e históricos.

### 2.3.1 Reutilização e reciclagem de materiais

Reutilizar | (re- + utilizar) | v. tr. | 1. Utilizar novamente; 2. Dar outra utilização a algo. (Definição do dicionário online Priberam)

Esta acção não implica transformação, não havendo portanto significativos dispêndios quer em termos energéticos quer em termos de trabalho de mão-de-obra.

Reciclar | (re- + ciclo + -ar) | v. tr. | 1. Efectuar a reciclagem; 2. Transformar material já usado para uma nova utilização. (Definição do dicionário online Priberam)

Esta é já uma acção que implica esforços de transformação; porque se trata muitas vezes de transformações químicas há necessidade de um maior dispêndio energético.

Reutilizar é usar produtos mais do que uma vez, sejam eles utilizados ou não de novo para a mesma função, enquanto que na reciclagem o produto serve de matéria prima inserido num novo sistema produtivo dando origem a um produto que é necessariamente diferente, ou seja, as suas características nunca são iguais às iniciais no final do sistema.

Estes são dois processos que contribuem bastante para um desenvolvimento sustentável, não só numa perspectiva de não pôr em causa as gerações vindouras com a satisfação das necessidades actuais como também de resolver ou amenizar os problemas que a própria geração actual já sente hoje.

---

<sup>21</sup> José Paiva; José Aguiar e Ana Pinho – *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Volume I. 1ª edição. Lisboa: LNEC, 2006, p.36.

Pode-se afirmar que a reciclagem e a reutilização de materiais, produtos, desperdícios não é recente mas sim um processo intemporal (que se encontra em produtos da Idade Média, Grécia Antiga ou até no Antigo Egipto). A pedra, por exemplo, permitia a reutilização dos blocos que eram empregues nas primeiras construções permanentes noutras obras, caso estas fossem destruídas, em alvenarias pobres. Como é o caso de Tanis, uma cidade egípcia construída com blocos de pedra outrora usados noutros reinados. Segundo Bill Addis<sup>22</sup>, durante a Idade Média, muitas catedrais eram construídas sobre antigos templos para se aproveitar a sua cripta subterrânea e as paredes de alvenaria existentes, reduzindo assim as necessidades de material e mão-de-obra.

Mas não só a pedra como a madeira e o ferro também têm sido objecto de frequente reutilização. O ferro sempre foi, desde os Romanos, reutilizado e reciclado através da fundição para construção, e até para realização de armas e máquinas. De notar que mais recentemente o alumínio por ser 100% reciclável tem porventura tido também uma maior adesão em diferentes áreas.

José Bastos, na sua dissertação de mestrado, refere que, sobre a “Construção com Desperdícios: do ambiental ao social”, «(...) no século XX, foram erguidas habitações onde o tradicional tijolo foi substituído por garrafas de vidro. Sensivelmente no mesmo período, surgiram os primeiros bairros de lata, cujas habitações eram realizadas com desperdícios, principalmente devido ao seu baixo valor e facilidade de aquisição. (...) Na década de 60 do século XX, a cultura hippie, conduzida pelos valores da contracultura, integrou, nas suas edificações, elementos encontrados ao abandono, num acto de reutilização como meio de salvaguardar o ambiente. Na década seguinte, surgiram as primeiras obras realizadas por um arquitecto que integravam, no seu processo construtivo, uma grande quantidade de resíduos, com o propósito de diminuir o seu excesso em vários locais.»<sup>23</sup>

Na actualidade, enquanto que no Design a reutilização já é correntemente considerada com muitíssima naturalidade chegando a objectos simples usados no dia-a-dia, na Arquitectura a implementação deste processo tem sido mais tímido, começando agora a dar passos mais largos, espalhando-se porventura a partir do seu maior foco gerador que são as “Arquitecturas de Emergência”.

---

<sup>22</sup> Bill Addis – *Building with Reclaimed Components and Materials: A Design Handbook for Reuse and Recycling*. 1ª ed. Reino Unido e Estados Unidos da América: Earthscan, 2006.

<sup>23</sup> José Bastos – *Construção com Desperdícios: do ambiental ao social*. Porto: Universidade Lusíada, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2009. P.VII.

Os Arquitectos estão cientes do impacto que esta metodologia causa nos seus projectos, na sociedade actual e no Planeta, começando a explorar as suas qualidades, aproveitando-as como uma forte, marcante e diferente linguagem arquitectónica.

Nas palavras do Professor António Santos, na sua tese de doutoramento “Desconstrução de Edifícios: uma Perspectiva Arquitectónica”<sup>24</sup>, urge adoptar estratégias de maior eficiência no uso do stock actual e futuro dos edifícios, inclusive a reutilização de materiais de construção, combatendo o frenético e claramente insustentável ritmo de consumo de recursos energéticos e materiais na construção. «A *“Desconstrução” de edifícios consiste no seu desmantelamento cuidadoso no fim da sua vida útil*» para o reaproveitamento das suas partes constituintes, devendo por isso ser uma via a considerar fortemente para a redução do volume de resíduos em aterros e do consumo de matérias-primas virgens em novas obras. Para o autor «a *promoção da reutilização de materiais recuperados bem como a provisão da possibilidade de futura reutilização (integral ou parcial) das construções depende grandemente de decisões tomadas em projecto, momento tradicionalmente dominado por outras preocupações.*» (in Resumo)

Segundo a Comissão Europeia no âmbito do relatório "Construction and demolition waste management practices and their economic impacts"<sup>25</sup> de 1999, o aumento dos desperdícios derivados da construção e demolição em toda a União Europeia é de cerca de 180 milhões de toneladas por ano, o que equivale a 480kg por pessoa, sendo que apenas uns 28% é reutilizado ou reciclado. Para uma melhor compreensão da dimensão do problema, pode-se olhar para os 72% restantes (130 milhões de toneladas de desperdícios efectivamente desperdiçados!) como um novo volume de terra de 10 metros de profundidade e 13km quadrados de área a cada ano (dá para cobrir o centro de Paris até aos 1,3m de altura). Se a isto se acrescentar o planeamento de estradas e solo e rocha escavada duplica-se os valores. Ao olhar para a tabela do relatório:

---

<sup>24</sup> António Santos – *Desconstrução de Edifícios: uma Perspectiva Arquitectónica*. Lisboa: IST, UTL, Novembro 2010. 483pp.

<sup>25</sup> Symonds et al. – *Constructing and demolition waste practices and their economic impacts in Management of Construction and Demolition Waste*. European Commission Directorate-General Environment, Directorate E -Industry and environment, ENV.E.3 - Waste management, Bruxelas: Comissão Europeia, 1999. [Consultado em 6 Jan 2013] Disponível em WWW: <URL: [http://ec.europa.eu/environment/waste/studies/cdw/cdw\\_report.htm](http://ec.europa.eu/environment/waste/studies/cdw/cdw_report.htm)

Quadro 1: Resíduos de Construção e Demolição: Aumentos e Reciclagem (Tabela de Sumário)

Tradução livre e adaptação do quadro retirado de: SYMONDS et al. – *Constructing and demolition waste practices and their economic impacts in Management of Construction and Demolition Waste*, European Commission Directorate-General Environment, Directorate E -Industry and environment, ENV.E.3 - Waste management, Bruxelas: Comissão Europeia, 1999, p.3.

<b>Estado Membro</b>	<b>‘Núcleo’ RCD Aumentos (mil ton, arredondado)</b>	<b>% Reutilizado ou reciclado</b>	<b>% Incinerado ou depositado em aterro</b>
Alemanha	59	17	83
Reino Unido	30	45	55
França	24	15	85
Itália	20	9	91
Spain	13	<5	>95
Netherlands	11	90	10
Belgium	7	87	13
Austria	5	41	59
<b>Portugal</b>	<b>3</b>	<b>&lt;5</b>	<b>&gt;95</b>
Denmark	3	81	19
Greece	2	<5	>95
Sweden	2	21	79
Finland	1	45	55
Ireland	1	<5	>95
Luxembourg	0	n/a	n/a
EU-15	180	28	72

Não deixa de ser curioso como os piores resultados dos 15 países membros da UE ao nível da percentagem de incineração e aterro de desperdícios e da percentagem de reutilização e reciclagem de resíduos (maior que 95% e menor que 5% respectivamente) sejam exactamente dos países que necessitaram mais recentemente de resgate financeiro.

Qual o próximo passo que a Europa e nomeadamente Portugal deveria dar? Mudar mentalidades. Mas como diz Gaston Bachelard, a mentalidade é o que é mais difícil de mudar... Temos que mudar pelo menos as estratégias não só no papel mas principal e urgentemente na prática, operacionalizando todos estes estudos, conceitos, processos



e soluções que “gritam” por atenção apontando o dedo aos erros do passado que se continuam a repetir hoje e que estão não só a destruir o futuro como o próprio presente.

### 3. UM PROJECTO DE REABILITAÇÃO DO HOSPITAL DE SANTA MARTA

#### 3.1 Localização e contexto geral

O Hospital de Santa Marta localiza-se a Oeste da Colina de Santana em Lisboa, na Rua de Santa Marta (junto ao nº56) inserido na freguesia do Coração de Jesus. Tem um enquadramento urbano de relevante densidade e consolidado, sendo contíguo ao palácio dos Condes de Redondo, hoje pertencente à Universidade Nova de Lisboa.

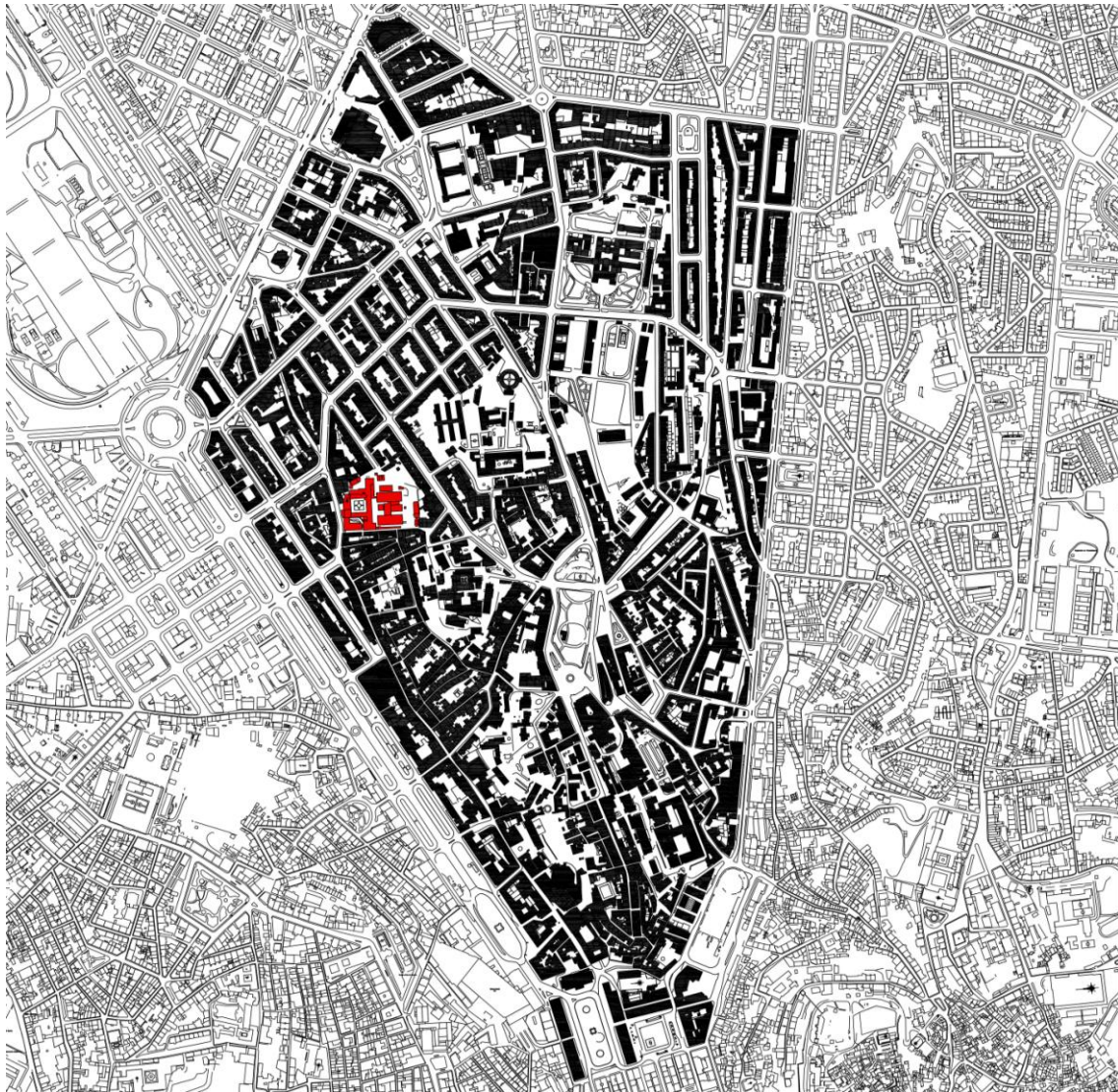


Figura 2: Localização do Hospital Santa Marta (a vermelho) na Colina de Santana (adaptação de planta em formato dwg fornecida pelo Centro de Cartografia da FAUTL)



Presentemente é uma propriedade pública estatal sob a tutela do Ministério da Saúde, estando prevista a sua desafecção, sendo este factor a maior motivação para nos ter sido apresentado como exercício de um processo de transformação eminente a resolver em Projecto – quis-se que fosse pensada uma intervenção neste complexo hospitalar partindo do pressuposto que foi já efectivamente desafectado das suas presentes funções.



Figura 3: *Bird View* do Hospital Santa Marta (retirado e adaptado do site Bing Maps.com)

Quanto aos níveis de protecção patrimonial atribuídos a esta obra, temos a igreja e o claustro com os braços edificados que o ladeiam classificados como Monumento Nacional (atribuído a 15 de Março de 1946) e o todo o interior da igreja ao abrigo da Zona Especial de Protecção (1 de Outubro de 1996). É de salientar que esta protecção pouco, ou dir-se-ia mesmo, nenhum resultado surtiu, tendo o interior da igreja sofrido tremendas feridas ou tendo sido privada de importantes obras de manutenção, chegando ao ponto de entrar em estado crítico de ruptura com perigo eminente para os funcionários a trabalhar no recinto. De referir que a situação mais grave, ao nível da cobertura, foi felizmente controlada há pouco tempo.

### 3.2 História

Conhecer o passado do Convento é crucial para uma intervenção que preserve os valores e qualidades do património; respeitar a lógica e estrutura espacial permite fazer intervenções menos agressivas, que se adaptem e se identifiquem melhor com as preexistências.

A história do Convento de Santa Marta remonta ao século XVI.<sup>26</sup>

Em 1576 é fundado o asilo de Santa Marta com o objectivo de albergar as filhas e viúvas dos serviçais reais vitimados pela peste que assolou Lisboa em 1569. Passado um ano é pedida a conversão do asilo em convento pelos padres de São Roque ao arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, tendo sido autorizada a fundação do convento por parte do Papa Gregório XII.

Em 1583 institui-se o Convento de Santa Marta de religiosas clarissas de 2ª regra (urbanistas), e dentro de 5 anos inicia-se a construção da igreja e do convento sob o projeto de Nicolau de Frias (cozinha, refeitório e capela-mor). Em 1593 conclui-se a capela-mor e já no século XVII, em 1612, dá-se o início do restauro da capela-mor e da construção da nave, coro, coro-baixo e dependências conventuais (sacristia, lavatórios, roda dos enjeitados, refeitório e outras) consoante o projecto de Pedro Nunes Tinoco.

---

<sup>26</sup> O essencial da história do Convento de Santa Marta foi-nos contada oralmente pela Dra. Célia Pilão, com o entusiasmo que já nos habituou a presentear e com a sabedoria de quem bebe com alegria cada milímetro de história não só deste Hospital como de vários da Colina de Santana. A informação foi completada ou confirmada por alunos da turma no site do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA) através do link [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6531](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6531)

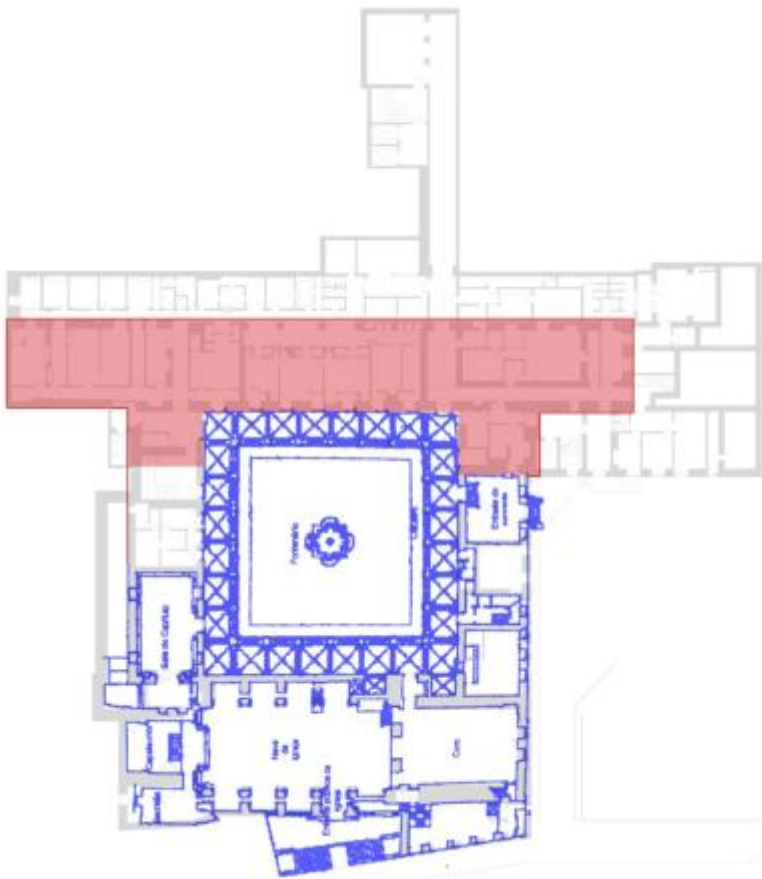


Figura 4: Planta do estado do Convento no ano de 1612, estando assinalado grosseiramente a vermelho a área onde se pressupõe que tenha sido o local da cozinha e refeitório. (A imagem é resultado da interpretação dos alunos Ana Margarida Falé, Ana Patrícia Pires, Andreia Cabanas, Gabriela Moniz, Natacha Correia e Nuno Raimundo)

Entretanto, entre 1650 e 1675 constrói-se o Palácio dos Condes de Redondo. A meio do processo, 1668, acrescenta-se a zona de habitação conventual por João Nunes Tinoco, filho de Pedro Nunes Tinoco (falecido a 1641).

Em 1719 constrói-se o dormitório. Com o terramoto de 1755 são infligidos grandes danos ao complexo o que leva as religiosas a refugiarem-se em instalações improvisadas na cerca, abandonando-as apenas após a conclusão das obras de recuperação. Já no século XIX, em 1834, o Estado toma posse do convento, na sequência da Expulsão das Ordens Religiosas de Portugal. É em 1890 que o edifício conventual se vê pela primeira vez transformado para funções hospitalares, ainda que com carácter de improvisado na sequência de uma epidemia de gripe.

O século XX é o palco das maiores alterações ao complexo. Em 1903, o convento é anexado ao Hospital de São José, e dois anos depois começa-se a construção de um bloco operatório, no qual foi integrada uma fonte pertencente à cerca, dois pavilhões para enfermarias, entre outras dependências; no pátio de entrada surge um dispensário para consultas externas e auscultação de doentes; procede-se ao restauro

e ajardinamento do claustro. A capacidade do hospital ronda as 15 enfermarias, 34 quartos particulares e 700 doentes.

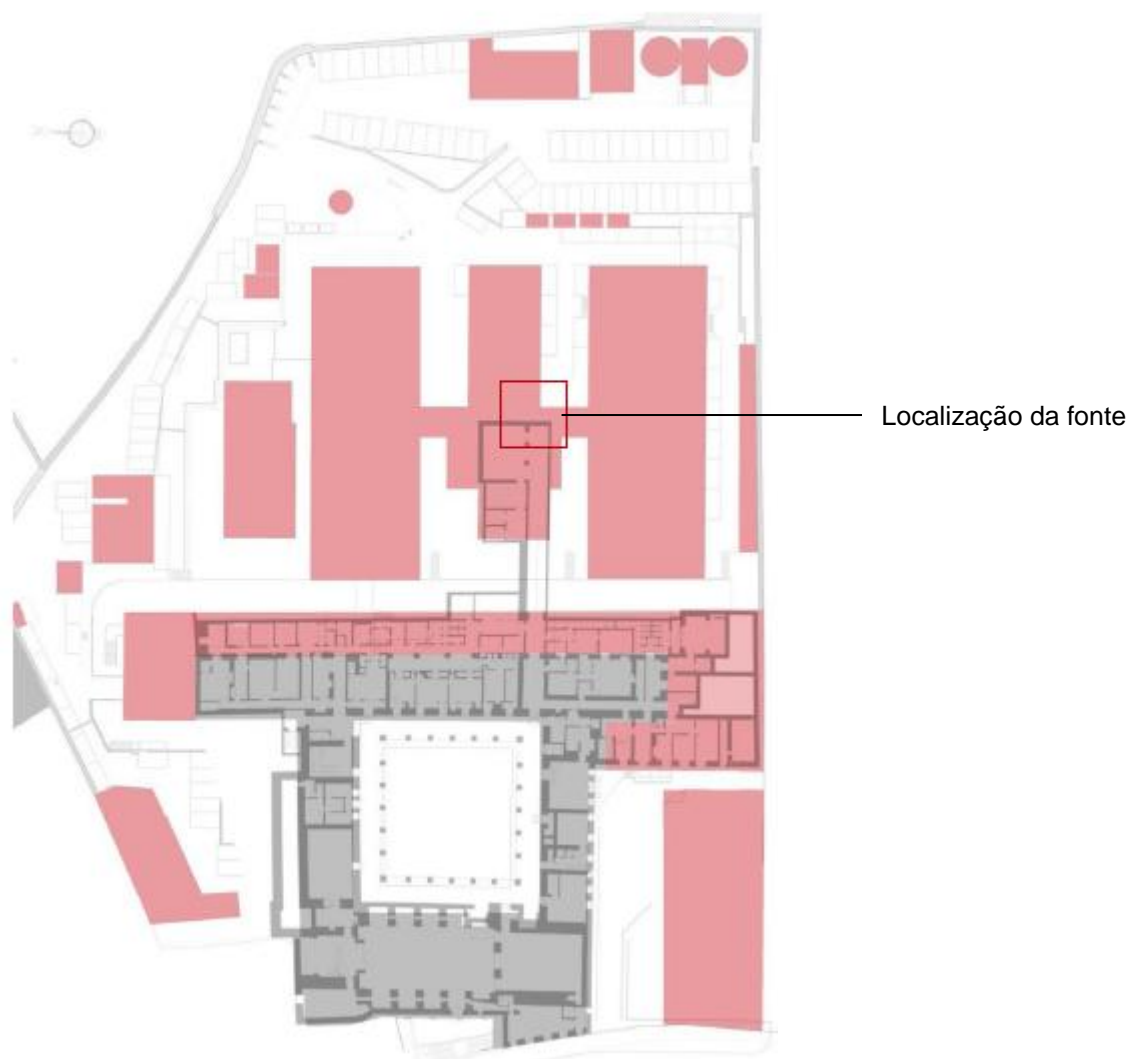


Figura 5: Imagem ilustrativa da fase correspondente aos primeiros anos do século XX (ibidem)

É em 1910 que se dá a cedência do conjunto à Escola Médico-Cirúrgica com a integração nos Hospitais Cívicos de Lisboa passados 3 anos e a passagem para a posse da Faculdade de Medicina de Lisboa em 1918, sendo que a meio do século se procede à reintegração nos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Em 1927 a nave da igreja passa a servir de economato na sequência da cedência desta ao hospital, cedência sem objectos de culto os quais foram deslocalizados para outras igrejas. Entre 1957 e 1960 procede-se à remodelação com vista à instalação dos Serviços de Cardiologia e Cirurgia Cárdio-torácica, do Ministério da Saúde e da sede da Ordem dos Médicos, e adapta-se o coro-baixo a capela. Já em 1971 demole-

se as antigas instalações do Banco, situado no pátio de entrada, e em 1983 surge um edifício destinado às consultas externas e aos serviços administrativos.

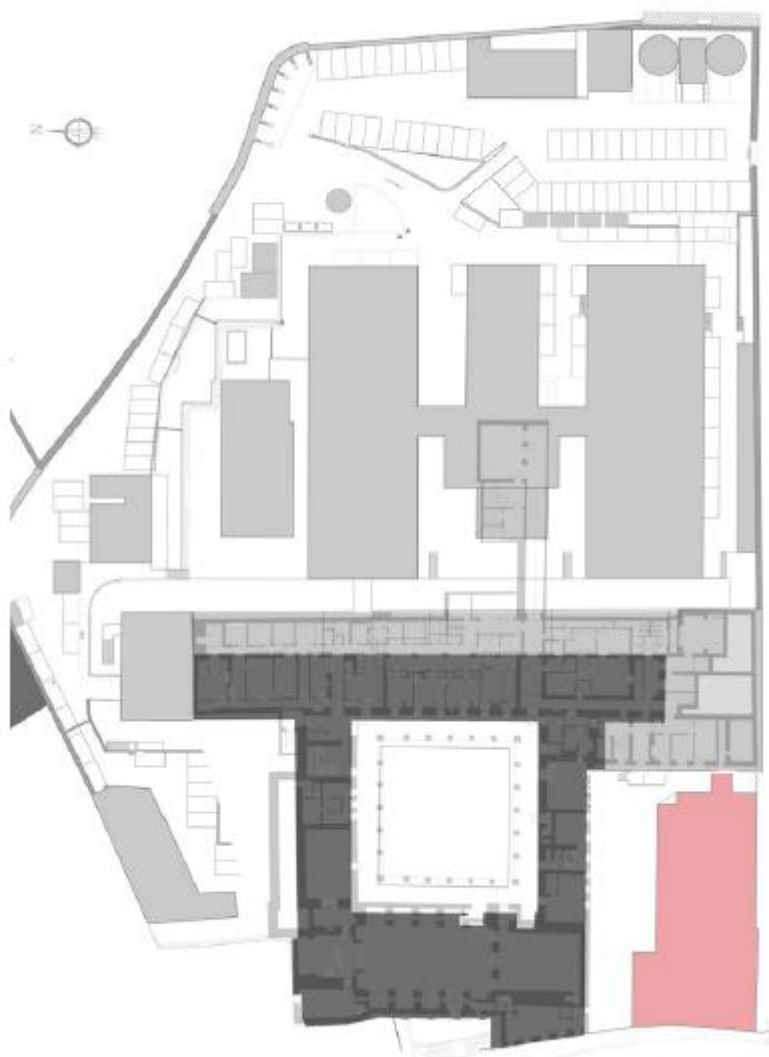


Figura 6: Imagem correspondente à última metade do século XX (ibidem)

Para uma compreensão mais sintética e de conjunto achou-se pertinente elaborar um diagrama em planta com a época de construção do edificado:



Legenda: ■ Século XVI/XVII ■ Início do séc. XX ■ Anos 30 (séc. XX) ■ Anos 70 (séc. XX)

Figura 7: Planta da época de construção dos edifícios (adaptado de planta cedida pelo Hospital)

Na página seguinte apresenta-se a sequência temporal da evolução do espaço da cerca conventual através de plantas da época. Nesta sequência é possível também observar o crescimento da cidade em volta do Convento; quando este foi construído encontrava-se fora da cidade consolidada, longe da urbanidade, mas a partir do final do século XIX a cidade começa a rodeá-lo, pressionando a cerca. Na sua tese de doutoramento<sup>27</sup>, Maria Teresa Pérez Cano, afirma que nos Conventos de Sevilha o processo foi o mesmo, estes começaram normalmente num lugar isolado e posteriormente adaptaram-se à forma urbana gerando um novo conceito de limite ou fronteira com a cidade construída.

<sup>27</sup> Maria Teresa Pérez Cano – *Patrimonio y ciudad – El sistema de los conventos de clausura en el Centro Histórico de Sevilla. Génesis, diagnóstico y propuesta de intervención para su recuperación urbanística*. Sevilha, 1993, p.11, volume III.





Figura 8: [1780] Retirado e adaptado de planta topográfica de Lisboa, Coleção Vieira da Silva (cedido por Centro de Cartografia da FAUTL)



Figura 9: [1856-58] Retirado e adaptado de planta de Filipe Folque (cedida por Centro de Cartografia da FAUTL)



Figura 10: [1904-1911] Retirado e adaptado de planta de Silva Pinto. (Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-PU-05-03-078 - Folha 1)





Figura 11: [1975] Adaptado de Carta Militar de Lisboa (cedida por Centro de Cartografia da FAUTL)

Esta sequência de imagens históricas ajuda também a perceber melhor quais as permanências que existem neste complexo, as quais ir-se-á falar de seguida no próximo subcapítulo.

### 3.3 Permanências/memória

Considera-se importante perceber qual as permanências de longo prazo nesta área de intervenção, ou seja, aquilo que ao longo dos tempos foi sobrevivendo e mais do que isso conseguindo conservar valores e qualidades culturalmente interessantes.

O corpo do convento com o seu claustro e a igreja é uma das mais importantes permanências pois apesar das enormes mudanças e pressões a que foram sujeitos, estes espaços conseguiram resistir, preservando valores essenciais e conseguiram, ainda que com certa dificuldade, absorver diferentes funções ao longo do tempo mostrando uma relevante capacidade de adaptação.

A cerca enquanto espaço contendor e principalmente enquanto limite físico é também uma permanência resistente de Santa Marta. Ela simboliza contenção, protecção, presença e intemporalidade e é uma das últimas cercas existentes em Lisboa.

O jardim e a água são permanências que duraram até meados do século XX, mas não resistiram à pressão do edificado, dos usos (hospitalar) e do veículo automóvel, que podem no entanto ser reintroduzidos de outra maneira por forma a responder às necessidades actuais sem no entanto ferir o património edificado.

A separação física que existe desde sempre entre o corpo do Convento e o jardim (onde estão agora estão localizados os edifícios “do coração” / “gémeos”) através de uma pronunciada mudança de cota, alterando inevitavelmente a relação entre os diversos espaços é outra permanência.

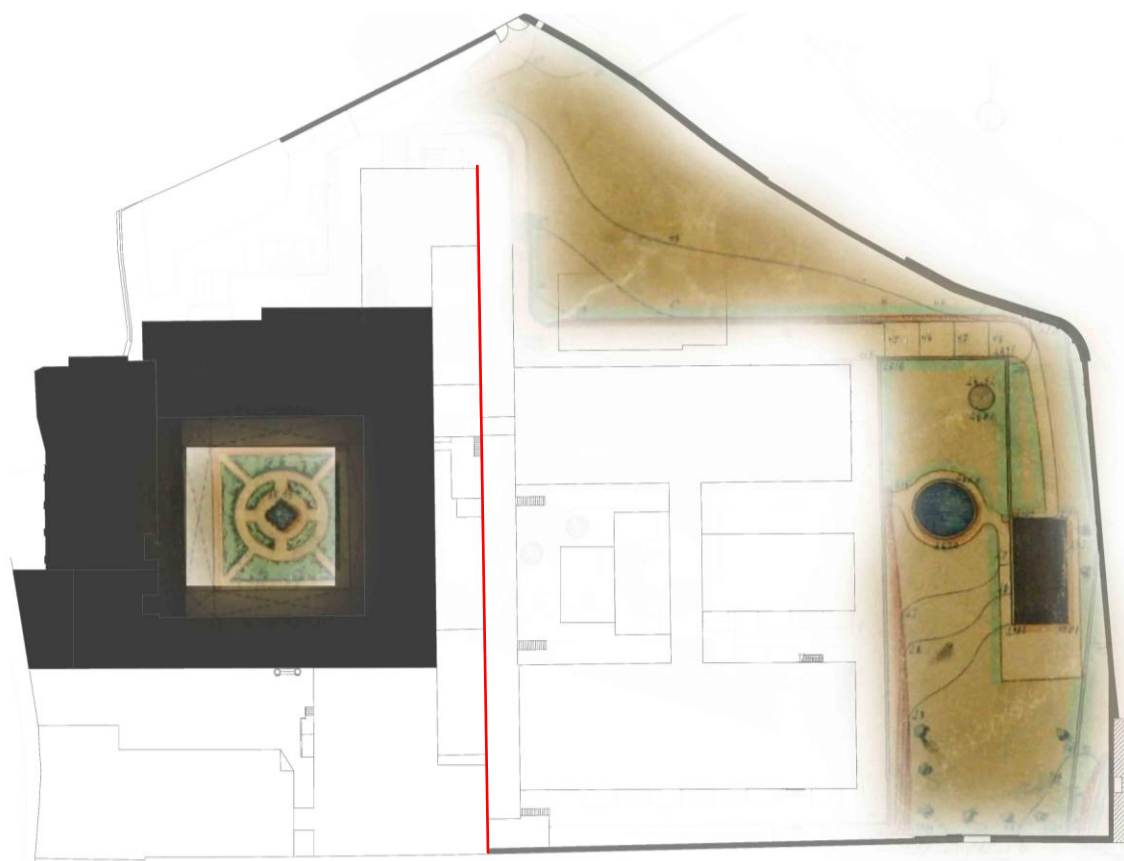


Figura 12: As permanências de longo prazo (Adaptação de planta fornecida pelo Hospital)

Estas permanências fazem parte da memória deste espaço, sendo a sua parte mais constitutiva e definidora. Integrar estes elementos na intervenção contribuindo para preservar e fortalecer a identidade deste lugar é importante para criar ligações memoriais, fundamentações históricas (logo da memória) e laços simbólico-afectivos com os utentes, enquanto factores de relação objectivos que permitem a apropriação e o sentimento colectivo de pertença que devolve sentidos e significados, tanto ao conjunto edificado como, talvez ainda mais importante, a todo o espírito deste lugar.

Segundo, Livia Tirone e Ken Nunes<sup>28</sup>, a própria identidade do lugar que utilizamos e habitamos, estimulando o nosso sentimento de pertença, e a sua durabilidade pode levar ao equilíbrio de estímulos momentâneos que nos podem levar a agir de maneira menos sustentável, ou seja, leva-nos a respeitar mais esse lugar.

Com base nestas questões optou-se por fazer uma intervenção que preserve as qualidades do corpo do claustro, por manter o espaço da cerca como um espaço uno, contendor e protector mas que seja ao mesmo tempo permeável, e por refazer e reavivar a memória do jardim e da água.

<sup>28</sup> Livia Tirone e Ken Nunes – *Construção sustentável; soluções eficientes hoje, a nossa riqueza de amanhã*. 2ª edição. Sintra: Tirone Nunes, SA, Maio 2008.

### **3.4 Vocação**

Fazendo uma síntese da história do Convento de Santa Marta obtemos os seguintes pontos:

- ♦ Séc. XVI – Mosteiro de clarissas da 2ª ordem de São Francisco + Casa de recolhimento das donzelas pobres
- ♦ 1890 – Hospício dos clérigos pobres
- ♦ Séc. XX – Escola médico-cirúrgica + Hospital escolar da Faculdade de Medicina de Lisboa
- ♦ Actualmente – Hospital com especialidade em cardiologia e pneumologia. Os seus serviços passam pela angiologia e cirurgia vascular, cardiologia, cardiologia pediátrica, cirurgia cardio-torácica, pneumologia, medicina interna, medicina física e reabilitação e imuno-hemoterapia.

A estes factos históricos é importante juntar os marcos relevantes em que o Convento-Hospital Santa Marta foi pioneiro. Foi o primeiro Hospital escolar do país (Escola médico cirúrgica), teve o primeiro museu da história da medicina em Portugal (1957 – Museu dos Hospitais Centrais de Lisboa, Dr. Alberto Mac-Bride) e foi o Hospital do único prémio Nobel da Medicina português (Dr. Egas Moniz)!

A partir desta síntese é fácil perceber que a vocação deste complexo passa, por ordem de importância, pela saúde, educação e conhecimento, habitação e religião.

Este diagnóstico vai permitir fazer uma mais acurada definição programática.

### **3.5 Tipo de intervenção**

Na continuidade lógica do processo de análise e de avaliação de valores presentes, pela sua relevância não se consegue descortinar outra operação que não a reabilitação enquanto modelo desejável. Adoptou-se desde logo uma perspectiva ecológica, baseada num reaproveitamento máximo das preexistências, na reutilização e reciclagem, tentando encontrar, valorizar e preservar os diversos tipos de qualidades e valores que existem na obra construída, tentando sempre um equilíbrio com as exigências de um uso contemporâneo, demolindo o menos possível, ou só aquilo que não contribui para uma qualidade arquitectónica ou aquilo que, não permitindo uma melhor solução espacial e funcional, não tem um valor que justifique a sua integral preservação. A escolha das zonas a demolir é, portanto, mínima e cirúrgica, e os desperdícios são aproveitados sempre que existe essa possibilidade. Também não foi projectado nenhum corpo novo, todo o programa escolhido para esta intervenção adapta-se aos edifícios e fundações já existentes.



Figura 13: Planta da situação actual da área de intervenção com indicação das áreas a demolir a vermelho. (Adaptação sobre planta fornecida pelo Hospital)

### 3.6 A definição de um programa

Uma intervenção sustentável não pressupõe apenas uma satisfação das necessidades das pessoas que irão habitar a arquitectura mas deve jogar com todo o contexto e realidade envolvente – a rede de necessidades da comunidade, o sistema complexo a que se dá o nome de cidade. Como propõem J. Aguiar e P. Pacheco: «*A CIDADE além de suporte de múltiplas estratificações, representa o vasto tecido onde se manifestam todas as transformações, produzindo sempre um retorno reactivo. Qualquer intervenção a efectuar no lugar do antigo convento e cerca de Santa Marta terá uma repercussão significativa na cidade.*»<sup>29</sup> Só assim faz sentido definir uma metodologia capaz de gradualmente ajudar a sarar as feridas abertas no funcionamento da cidade, a qualidade de vida da sua população e as suas relações com “o exterior”, factor essencial para uma política de sustentabilidade. Por esta razão, a área de intervenção deste Projecto de Mestrado não se pode despegar da realidade

<sup>29</sup> Policopiado, José Aguiar e Pedro Pacheco – CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO, HETEROTOPIAS, MEMÓRIA E CIDADE - A COLINA DE SANT'ANA, Doc 02 – p.7.

da cidade e muito menos das zonas existentes na Colina com situação semelhante - as outras áreas hospitalares desafectadas - para melhor intervir, percebendo que necessidades se deve e pode suprir, não se pode ter um olhar restricto, mas um olhar em contexto, um olhar global que permita articular funções, prevenindo uma afectação de recursos deficiente, concentrada e insustentável. Só o facto de numa área relativamente pequena existirem seis hospitais marca claramente toda a Colina de Santana, influenciando toda a vivência, toda a rede de usos, todo um quotidiano que depende destes pólos.

Um identidade assim tão fortemente afirmada não pode ser descurada, tendo que fazer parte de uma reflexão séria sobre a desafecção destas estruturas hospitalares. A definição do programa é um passo chave para a sustentabilidade social e mesmo económica, tentar prever qual o impacto da nossa intervenção ao nível da vivência, da dinamização da comunidade e da capacidade de atracção de fluxos exteriores é crucial e é algo a que, em geral, os Arquitectos têm dado crescente importância nos últimos tempos.

Neste sentido foi então estudada a distribuição programática nos diversos Hospitais, tendo-se chegado à visão urbanística ilustrada pela figura a seguir:

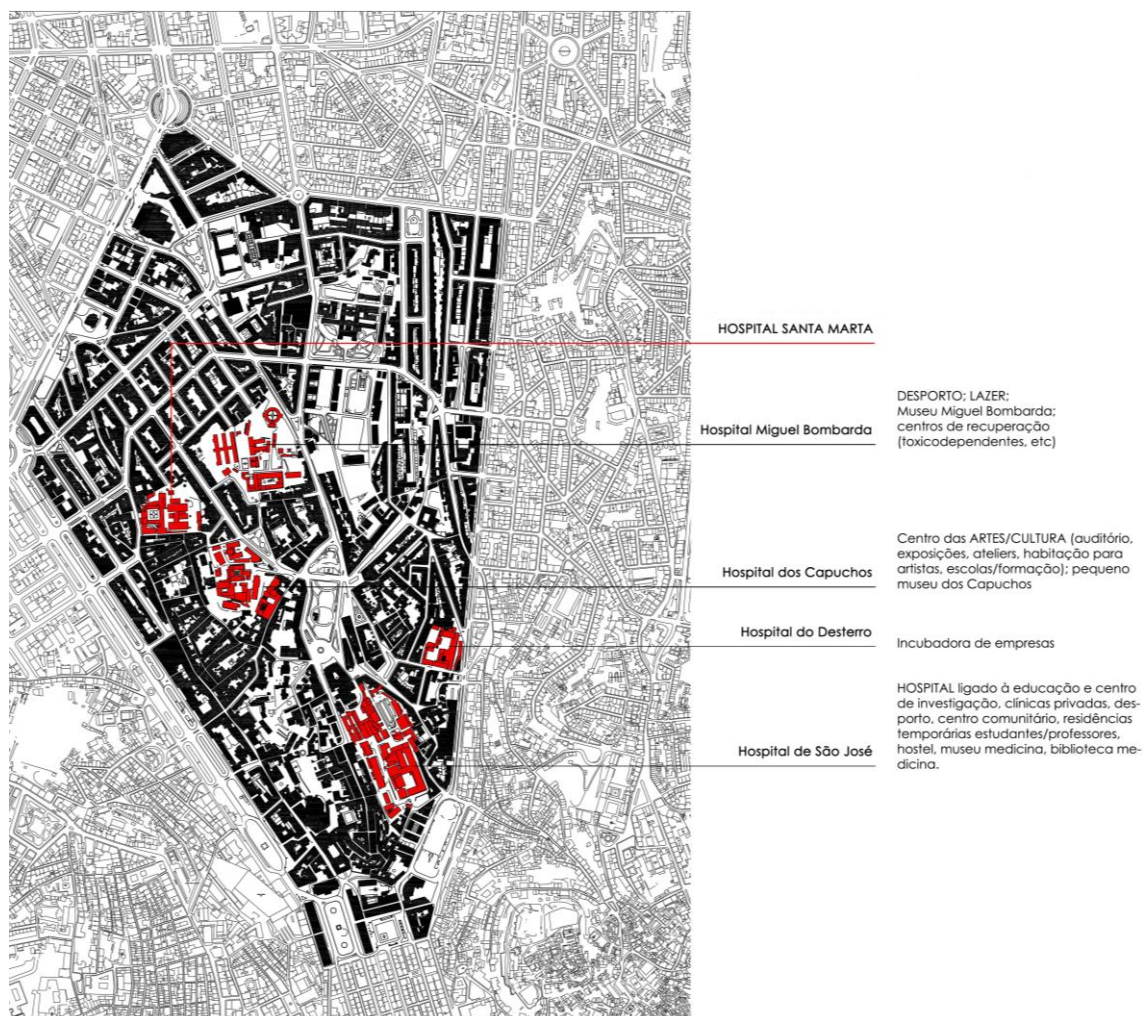
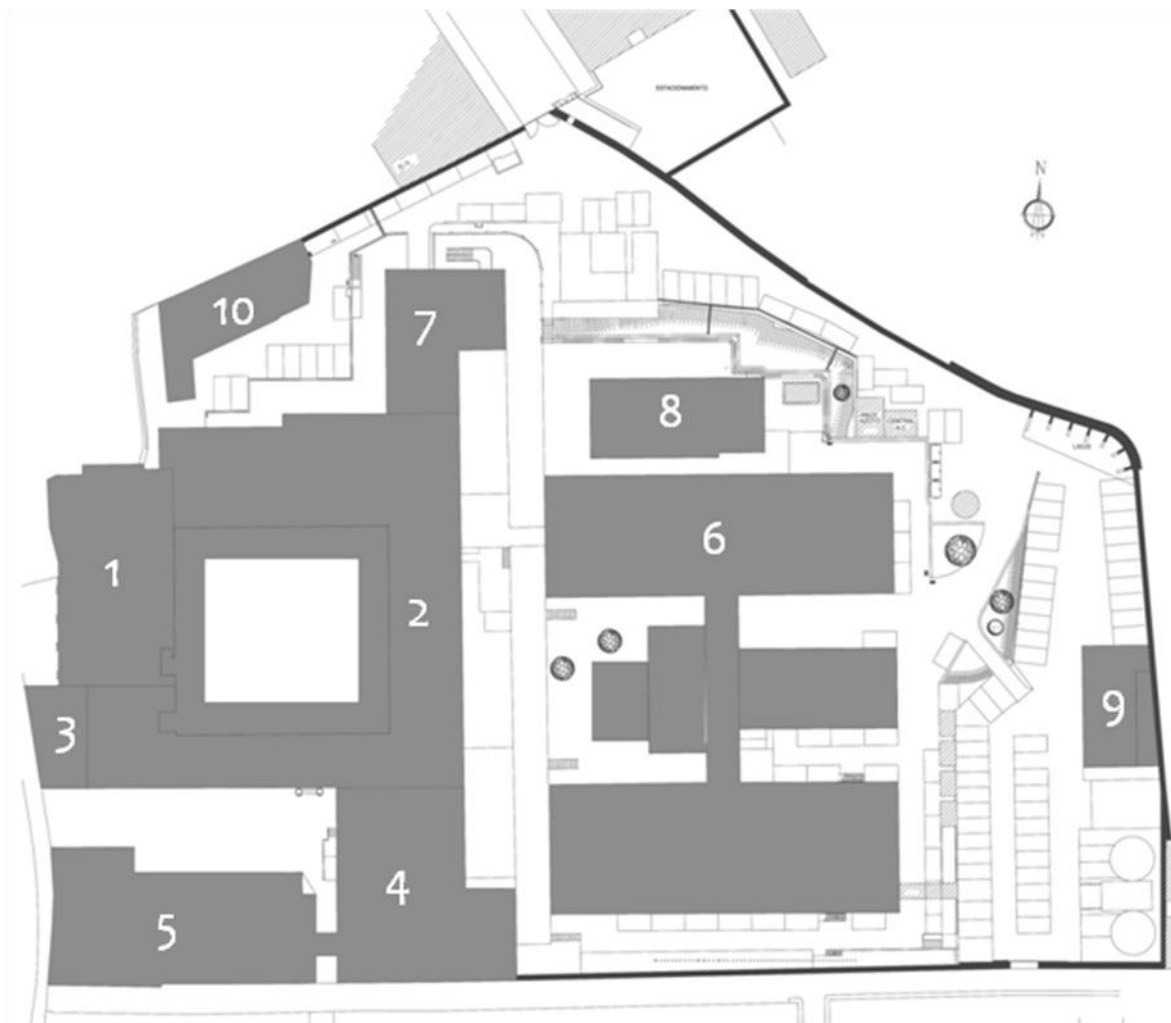


Figura 14: Proposta de novos usos para os Hospitais da Colina de Santana. (adaptação de planta fornecida pelo Centro de Cartografia da FAUTL)

O programa proposto para Santa Marta enraíza-se na sua vocação - Saúde, bem-estar - complementando a vocação dos restantes hospitais e dando resposta ao que está em falta na Colina - estruturas de apoio à terceira idade, espaços de saúde e bem-estar públicos, espaços culturais, estruturas de apoio à comunidade, espaços verdes de permanência. (Ver anexo A1 – Análise urbana)

Pretende-se, então, tornar o antigo Hospital de Santa Marta num núcleo de apoio à comunidade, aberto ao uso de todos, atraindo desde jovens, idosos, turistas, trabalhadores, estudantes aos próprios habitantes da comunidade, sem no entanto deixar de ser economicamente viável, pelo contrário este atrair de fluxos nomeadamente de turistas poderá vir a ser muito importante para a economia local.





Legenda: 1. Igreja – armazém documental; 2. Edifício do claustro – Serviços gerais; 3. Edifício azul – serviços de aprovisionamento e armazém; 4. Edifício da Santa – serviços clínicos; 5. Edifício das consultas externas; 6. “Gêmeos” – especialidade de cardiologia; 7. Unidade de Cuidados Intensivos; 8. Cozinhas; 9. Morgue; 10. Central térmica.

Figura 15: Diagrama da situação programática actual e denominação dos edifícios do conjunto (Adaptação de planta fornecida pelo Hospital)

#### a) Porquê a comunidade?

Porque servi-la numa lógica de proximidade permite uma poupança de recursos (ao nível do transporte, tempo despendido...). Pretende-se que a heterogeneidade programática desta intervenção dê resposta ao ciclo do trabalhar-comer-descansar-estudar-aprender-divertir-dormir, o que também permite que haja de certa maneira uma vivência vinte e quatro horas por dia que dê mais vida a esta zona da cidade.

b) Porquê os idosos?

A população portuguesa tem envelhecido a olhos vistos ao longo dos últimos tempos. É por isso urgente pensar nas necessidades da faixa etária mais idosa e supri-las para uma sustentabilidade social (e até económica).

Assim decidiu-se tomar o programa de residência sénior como principal colocando-o no corpo do Claustro. Em toda a Colina de Santana não existem estruturas programáticas como esta e como o indicador (ver anexo A2) aponta para uma população envelhecida nesta área fará mais sentido a sua incorporação no projecto.

c) Porquê os jovens?

Por um lado a existência tão próxima da universidade Nova (corpo adjacente ao edifício do Claustro) quase pede que algo no projecto faça uma ligação que permita servi-los melhor, por outro lado é social e economicamente importante para a própria cidade de Lisboa a capacidade de atracção de jovens para o seu centro invertendo a tendência de migração para as periferias urbanas, devolvendo-lhe dinâmica e vivacidade cruciais para um desenvolvimento sustentável a médio e longo prazo.

Com isto em mente foi criada no edifício localizado mais a Norte uma ligação directa entre a Universidade e a nossa área de intervenção assim como um café que serve a pequena área verde criada nessa zona; no edifício denominado “azul” um programa que funde a ideia de venda de vários médios, desde livros, revistas, CDs de música passando por DVDs de filmes com a de um café aparece querendo criar um ambiente de lazer, descontraído onde as pessoas podem conviver, comprar, comer, pôr-se a par de novidades ou até estudar – este programa tem ligação com as duas salas existentes por cima do coro baixo da igreja onde se concebeu espaços para qualquer estudante poder trabalhar e estudar, espaços esses tão requisitados e em grande falta em toda a cidade de Lisboa. Nos dois edifícios, a que se deu o nome de “gémeos”, todos os programas podem ser atractivos para os jovens, desde as residências temporárias, passando pelo ginásio até ao espaço de *ateliers* para actividades ou formação.

Outra componente importante, associada à definição do programa, no que toca à sustentabilidade da intervenção está associada a três expressões: respeitar o passado, virar-nos para o presente, preparar-nos para o futuro.

Respeitar o passado no sentido de respeitar a lógica/estrutura pré-existente da obra arquitectónica, dos espaços, aproveitando as possibilidades ao máximo. Pode-se dar como exemplo a localização do restaurante no edifício do claustro que acabou por ser



onde teria estado localizado o refeitório na época em que era Convento (ver capítulo 2.2 História, página 19).

Como sempre refere J. Aguiar, nos seus textos e aulas, toda a convocação do passado ocorre sempre num presente, i.e. é sempre um acto de extrema contemporaneidade. Somos inevitavelmente conduzidos pelo tempo presente, pois ao mesmo tempo é necessário definir um programa de usos acordo com a nossa contemporaneidade, escolher os usos que melhor servem a vida actual em condições de segurança e desempenho de hoje, fazendo, está claro, uma cuidada adaptação dos espaços a esses novos usos, ao mesmo tempo que procuramos salvar o que também hoje entendemos como valor significativo do passado. Nestas questões não devemos esquecer que, tal como Ana Roders sublinha, se deve adaptar as adições às preexistências e não optar pelo, sempre mais danoso, processo contrário.

Esta consciente contemporaneidade prepara-nos para o futuro porque estamos cientes que estes edifícios e estes espaços exteriores sofrerão com toda a certeza novas intervenções tendo que se conseguir adaptar a futuros programas, algo que a história já nos mostrou que não é raro acontecer – a adaptação do Convento de Santa Marta para Hospital não foi nada fácil e implicou a abertura de feridas profundas que poderão ser difíceis de sarar. Contudo o Convento e a sua arquitectura revelaram uma impressionante capacidade de resistência, o que permitiu que fossemos hoje presenteados com lugares de peculiar beleza e qualidade arquitectónica como a sucessão de grandes naves e salões, ou o seu claustro.

Projectar a reabilitação de hoje implica sempre considerar (projectar) a reabilitação de amanhã.

#### d) Edifício das consultas externas

Neste edifício optou-se por colocar uma clínica privada. Numa perspectiva económica é importante ter estruturas privadas que permitam a um projecto vasto como este ser sustentável para quem o detém. Quanto à localização, este edifício revelou ser o mais acessível e mais visível sendo aquele que tem maior contacto com a Rua de Santa Marta, assim sendo um programa como uma clínica ficaria aqui mais bem situado. Acresce o facto de ter sido criado de raiz com o propósito de servir o Hospital de Santa Marta albergando todas as consultas externas, sendo, assim, aquele que melhor se adapta a esta semelhante função, sem necessidade de proceder a grandes alterações.

#### e) Edifício do Claustro

Este é o edifício com maior valor histórico, cultural e arquitectural.

Como já foi referido, por J. Aguiar e P. Pacheco os conventos são entidades espaciais complexas na sua estrutura tipológica e polivalência secular tendo sido, provavelmente, a génese do equipamento público contemporâneo. Assim torna-se claro que este é o edifício que tem maior capacidade de adaptação a um programa mais vasto e completo albergando tanto o nível privado como o público.

O seu piso térreo foi tornado maioritariamente público sendo localizando-se o restaurante (cuja cozinha serve também o refeitório da residência sénior), o museu da Medicina (na sala do capítulo, onde em tempos foi o lugar do primeiro museu da Medicina a nível nacional), o espaço polivalente, a livraria, a mercearia e no chamado edifício da Santa foi colocada a zona administrativa do complexo e a lavandaria da residência.

Pela sua natureza este é o edifício ideal para albergar um programa complexo como uma residência sénior, com áreas de serviço aos habitantes como salas de fisioterapia, enfermarias, cabeleireiro e salão de estética, e áreas de convívio e actividade como a sala multimédia, salas de refeições e convívio, e salas de atelier com possibilidade de, no piso cimeiro, serem abertas ao público no sentido de expor os trabalhos dos residentes.

Estes últimos terão esta residência como a última casa onde vão passar as suas vidas, por isso é crucial dedicar-lhes a maior atenção e dar-lhes as melhores condições possíveis de vida, possibilitando que tragam consigo o máximo das suas vidas, das suas memórias. Um dos factores que poderá ser mais determinante é a possibilidade de poderem trazer da sua terra ou das suas casa, os saberes, o artesanato, a arte que possuem podendo continuar a pôr em prática, partilhar e expor essa experiência incrível que possuem.

Os apartamentos da residência localizam-se na sua grande maioria onde estariam localizadas as antigas celas conventuais.

Em Lisboa existem alguns exemplos de intervenções noutros Conventos que os converteram igualmente em Residências Sénior, como é o caso do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila (ver anexo A6).

#### f) Os “gémeos”

Nestes edifícios optou-se pela colocação de residências temporárias que pudessem atrair diferente público-alvo, desde estudantes, professores, outros profissionais, e até turistas que procurem a estadia na cidade de Lisboa por um período de tempo mais

alargado, naquela que é uma nova forma de turismo e por isso com potencial de crescimento económico muito interessante. Este programa foi localizado no piso superior de ambos os blocos, tendo sido aproveitado o piso térreo de um para a colocação de espaços de ginásio / *health club*, e de outro para espaços de actividades ou formação pontual (p.e. *workshops*). O programa do ginásio foi colocado no edifício mais a Norte pela sua relação mais franca com o jardim e possibilidade de expansão das actividades para o exterior. Já os *ateliers* têm um contacto mais directo com a Travessa de Santa Marta a Sul.

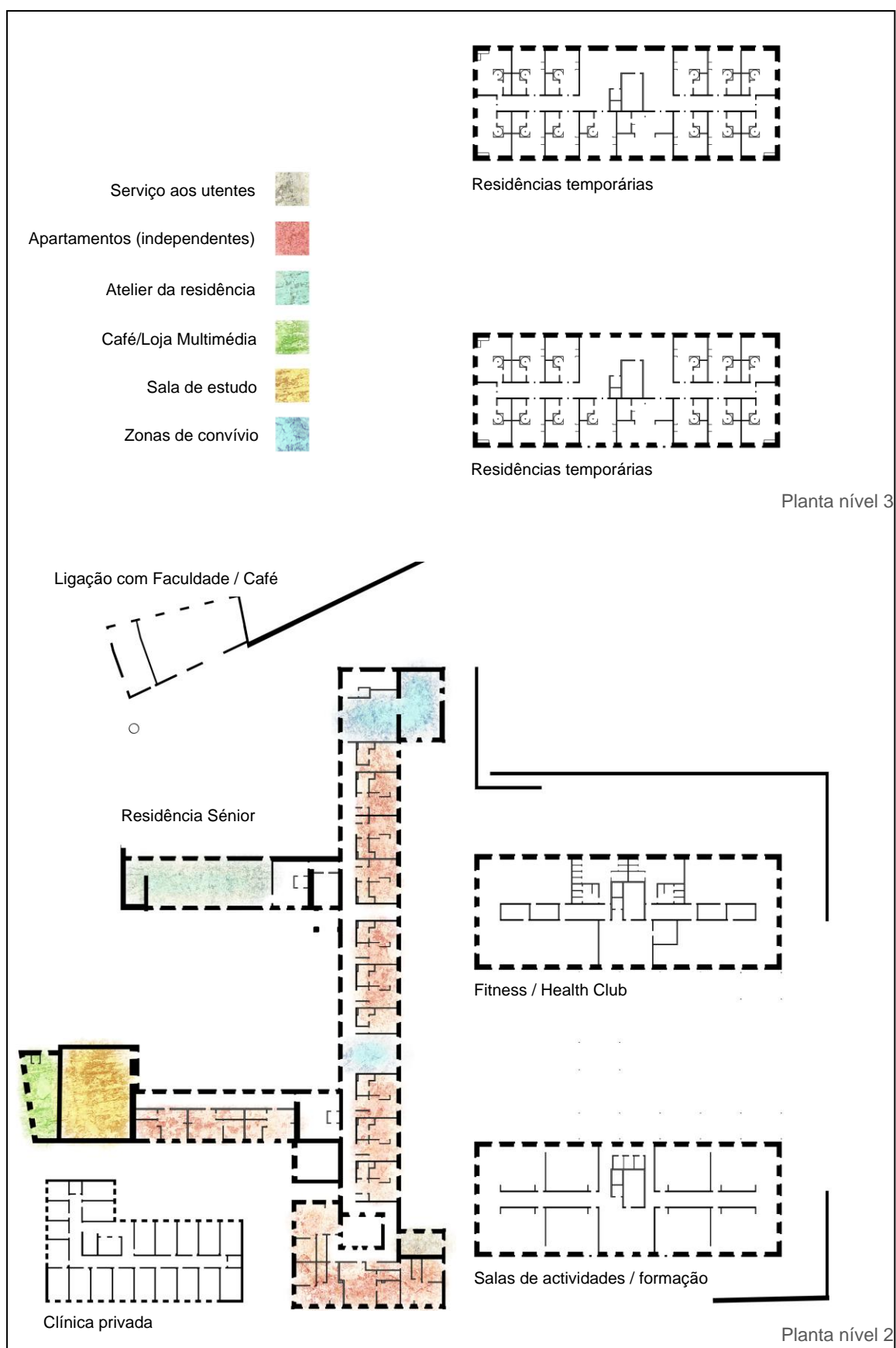


Figura 16: Diagrama programático proposto completo (nível 3 e 2)

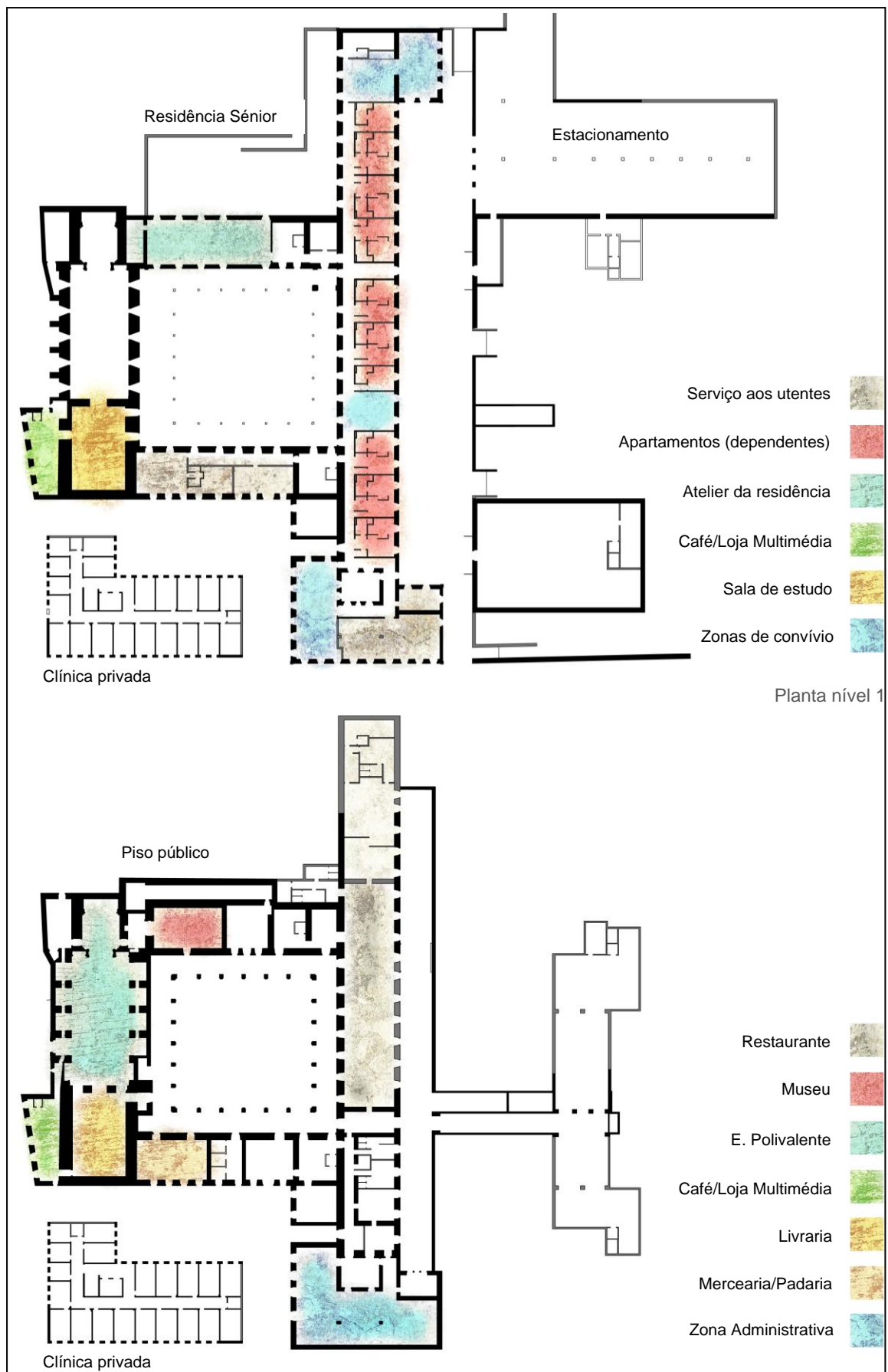


Figura 16: Diagrama programático proposto completo (nível 1 e 0)

Planta nível 0

### 3.7 A envolvente exterior

O espaço exterior quis-se como sistema unificador da proposta, de relação do edificado entre si e este entre o exterior, tornando-o mais público e habitável. Apresenta-se claramente necessária a organização e redefinição do exterior da área de intervenção como processo de restituição à cidade e ao uso público de equipamentos urbanos de tão grande importância como os antigos hospitais/conventos. Ser capaz de fornecer às pessoas um caminho alternativo prazeroso e um local de permanência e convívio com bastante arvoredo é importante para a sustentabilidade e “sucesso” dos equipamentos, mantendo com as pessoas uma ligação mais afectiva através de experiências agradáveis e memoráveis.

Pretendeu-se, como já foi referido anteriormente, trazer de volta e intensificar a memória do jardim e da água, até porque, obviamente, as áreas verdes e a presença da água são indispensáveis para uma sustentabilidade ambiental tanto na vertente da diminuição da poluição atmosférica, como no controlo climático e até na melhoria da paisagem ao nível visual. Os espelhos de água permitem também recolher e armazenar água para a rega do próprio espaço verde.

Uma grande parte da área exterior é coberta por vegetação havendo como que uma sucessão de espaços desde o mais artificial no claustro até ao mais natural a que se pode dar o nome de orla, algo que tradicionalmente acompanha o limite das cercas conventuais.

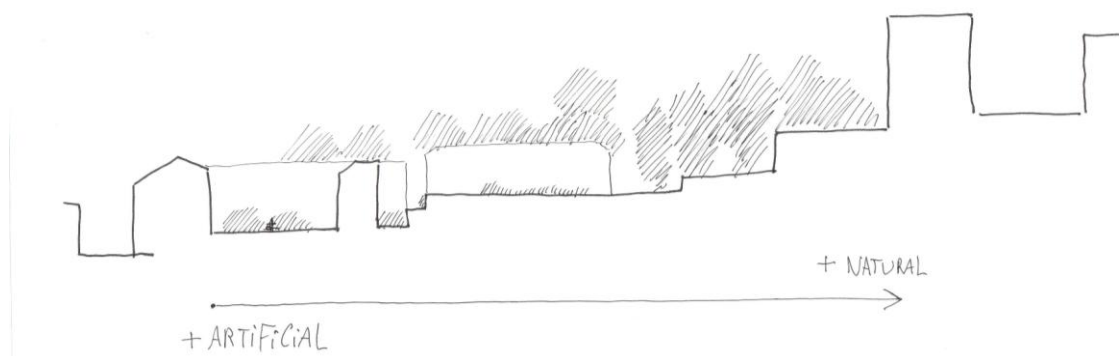


Figura 17: Diagrama da sucessão do tipo de espaços verdes na área de intervenção.

O arvoredo adapta-se ao edificado e ao tipo de ambiências que se pretende de cada espaço, variando o tipo de folhagem, caduca quando impede a entrada de radiação solar nas fachadas orientadas a Sul e persistente a Norte onde permite fazer uma barreira aos ventos, e a sua densidade, sendo a orla a zona mais densamente

arborizada permitindo fazer uma barreira visual para as traseiras dos edifícios a Norte/Nordeste.

A maior parte da área exterior é permeável quer através das zonas de canteiro/vegetação, quer através do uso da calçada portuguesa; apenas na cota mais alta da área de intervenção é usado saibro para se assemelhar mais a um parque.

Existem vários níveis de privacidade que são ajustados com recurso a mudanças de nível, muros, pavimento e/ou vegetação.

O facto do espaço da cerca ser uma bolsa, não obsta a que seja bastante permeável permitindo que se torne num local de passagem, um espaço verde de permanência entre o Parque Eduardo VII e o Campo de Santana que complementa o Corredor Verde de Lisboa. Apesar disso é dada a possibilidade de se fechar.

### **3.8 A escolha das materialidades e sistemas construtivos**

Como já foi referido no estado da arte, a redução dos desperdícios deve ser um objectivo primário de qualquer intervenção arquitectónica actual.

Neste projecto procurou-se reutilizar e reciclar ao máximo e dar sentido às escolhas de novos materiais necessários.

Neste ponto gostaria de fazer dois esclarecimentos prévios: estas matérias vão incidir apenas sobre o edifício do claustro; e todas as referências a marcas específicas de produtos ou sistemas serão apenas com o intuito de valorizar o facto de serem portuguesas ou terem produção em Portugal, não querendo dizer que não existam outras marcas interessantes mesmo dentro do nosso país.



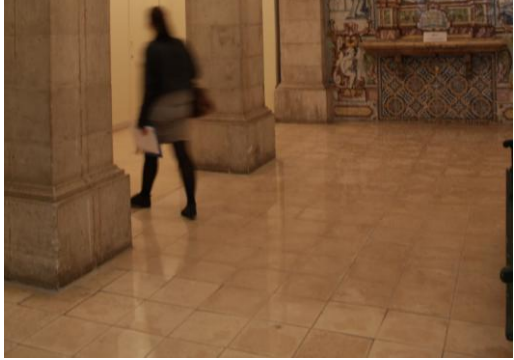

#### **3.8.1 Os materiais preexistentes**

No seguimento da lógica defendida nesta dissertação, foi feito um levantamento fotográfico da maioria dos materiais (dada a impossibilidade de visitar e estudar todo o complexo hospitalar), tendo-se feito uma listagem dos mais importantes que serão mantidos (Quadro 2), precisando ou não de operações de restauro.

Quadro 2: Levantamento de materiais

Material	Localização	Dimensões	Fotografia
Pedra Lioz com acabamento polido	Pavimento e rodapé da escadaria Norte do edifício do claustro assim como de algumas zonas em cada piso.	60x30cm	
Pedra Lioz e basalto	Pavimento do átrio de entrada	44x44cm	
Ladrilho hidráulico	Pavimento da Sala do Capítulo	40x40cm	
Ladrilho cerâmico	Pavimento do claustro em ambos os pisos	30x15cm	



Material	Localização	Dimensões	Fotografia
Pedra Lioz	Pavimento da nave, capelas laterais e altar-mor da igreja	Variável	
	Pavimento exterior da igreja.	Variável	
Mosaico cerâmico	Pavimento da zona onde está localizada a fonte	30x30cm	 <p>Foto de Ana Bernardino</p>
Painéis de azulejos	Revestimentos de parede na Sala do Capítulo	14x14cm	

Material	Localização	Dimensões	Fotografia
Painéis de azulejos	Revestimento de parede na nave e capelas laterais da igreja	Variável	
Painéis de azulejos	Revestimento de parede no claustro	14x14cm	
Pedra Lioz	Cantarias no quadro de janelas e portas	Variável	

A maioria dos materiais encontra-se em bom estado, principalmente a pedra lioz com acabamento polido, mas alguns necessitam de operações de manutenção como por exemplo o mosaico hidráulico da sala do capítulo (figura 18).





Figura 18: Sala do capítulo

Este poderá necessitar, para além de uma limpeza geral, de uma aplicação de uma substância hidrófuga para impermeabilizar deixando no entanto a sua aparência natural. Veja-se as figuras abaixo que ilustram as operações de restauro de pavimento idêntico, localizado na Faculdade Anna Nery no Brasil:



Figuras 19 e 20: Pavimento da faculdade Anna Nery no Brasil

(<http://amorimpolimentos.blogspot.pt/2011/04/piso-de-ladrilhos-hidraulicos.html>)

Existe uma grande variedade de caixilhos das janelas do edifício do claustro, sendo que a maioria é de madeira, outros foram mais recentemente substituídos e mesmo o estado de conservação dos mais antigos difere bastante. Foi então decidido que se manteria os caixilhos que se conseguisse restaurar, substituindo por caixilhos de madeira idênticos aqueles que não fosse vantajoso manter.



Figura 21: Janelas do edifício do claustro.

### 3.8.2 O reaproveitamento dos desperdícios

Os desperdícios que resultam das demolições efectuadas podem ser utilizados através da trituração como inertes para elaborar as argamassas ou betões necessários para as novas intervenções, nomeadamente outros betões e argamassas, estuques, tijolos, cerâmica, e outros.

Segundo Paulo Gonçalves e Jorge de Brito, no artigo "*Utilização de agregados reciclados em betão, análise comentada da regulamentação existente*"<sup>30</sup>, afirmam que pode ser dado um destino sustentável a grande parte dos resíduos de construção e demolição (RCD) desde que gerido de forma correcta. Os agregados reciclados podem ser utilizados no fabrico de novos pavimentos rodoviários, sistemas de drenagem, argamassas e betões, sendo que o seu uso, em particular, no betão é uma das melhores formas de se tirar maior benefício económico dos resíduos. O uso dos

---

<sup>30</sup> Paulo Gonçalves, Jorge de Brito – Utilização de agregados reciclados em betão. Análise comentada da regulamentação existente. Disponível em <http://www.civil.uminho.pt/revista/n32/Pag%2073.pdf>

RCD na elaboração de betões tem sido alvo de estudo ao longo de vários anos, e, segundo os autores, continua a não ser consensual. Apesar de, segundo José Brito, existir regulamentação mais evoluída que tenta afastar-se da imposição das mesmas regras que se aplicam aos agregados naturais aos agregados reciclados, (porque conduz muitas vezes à sua exclusão, devido às confirmadas diferenças entre ambos), a maioria dos documentos normativos que regulam a utilização na construção partem da premissa de que o betão resultante deste processo de reciclagem se deve comportar como um betão tradicional.

Tanto quanto se sabe, pode-se utilizar agregados reciclados em betão não estrutural, estrutural ou betão de alta resistência. Uma das variantes que se pode realizar com resíduos de maior calibre é o betão ciclópico, que pode ser usado tanto para fundações como para muros. Neste presente projecto escolheu-se esta opção para a realização dos muros exteriores assim como para o desenho dos limites de alguns canteiros.

No caso das madeiras derivadas dos processos de demolição de telhados na área de intervenção, gostar-se-ia de as poder utilizar para assentos na zona exterior compreendida entre os dois edifícios “gémeos” e como pavimentação de algumas partes que servem tanto de canteiro como de passagem.

Da remodelação de alguns pisos do edifício conventual resultam desperdícios de pedra Lioz de grande qualidade (localizada nos pavimentos, rodapés e escadaria) que poderão ser aproveitados para cobrir os pavimentos e paredes das diversas instalações sanitárias.

### 3.8.3 Os novos materiais e sistemas construtivos

Com a necessidade de usar novos materiais e novos sistemas construtivos tentou-se fazer escolhas que sejam mais ecológicas; que ajudem a economia portuguesa, ou seja que sejam produzidos em Portugal; ou que permitam uma maior flexibilidade; obviamente dentro das opções inerentes à ambiência e qualidade arquitectónica que se quer dar aos espaços.

Ao nível dos pavimentos optou-se pelo uso de linóleo de um tom creme que vá buscar semelhanças aos pavimentos já existentes ou que foram removidos. Esta opção é mais ecológica e económica pois permite uma aplicação mais simples e limpa podendo, por exemplo, ser aplicado sobre pavimento já existente e em mau estado; permite uma maior segurança dos utentes da residência sénior, por ser um pavimento

anti-derrapante; é feito a partir de matérias-primas renováveis como o óleo de linhaça, a resina de pinheiro, a farinha de madeira ou pó de cortiça; é naturalmente bacteriostático; é biodegradável; pode ser reparado; resiste a pequenas queimaduras; é de fácil limpeza e manutenção; o custo equivalente ao seu ciclo de vida é baixo; é bastante durável e a sua aparência original é mantida durante muitos anos. O linóleo é amplamente utilizado em hospitais e residências sénior.

No pavimento do coro baixo da igreja optou-se por substituir o pavimento existente (figura 22) por soalho de madeira, com a convicção de que o antigo não dignificava este espaço.

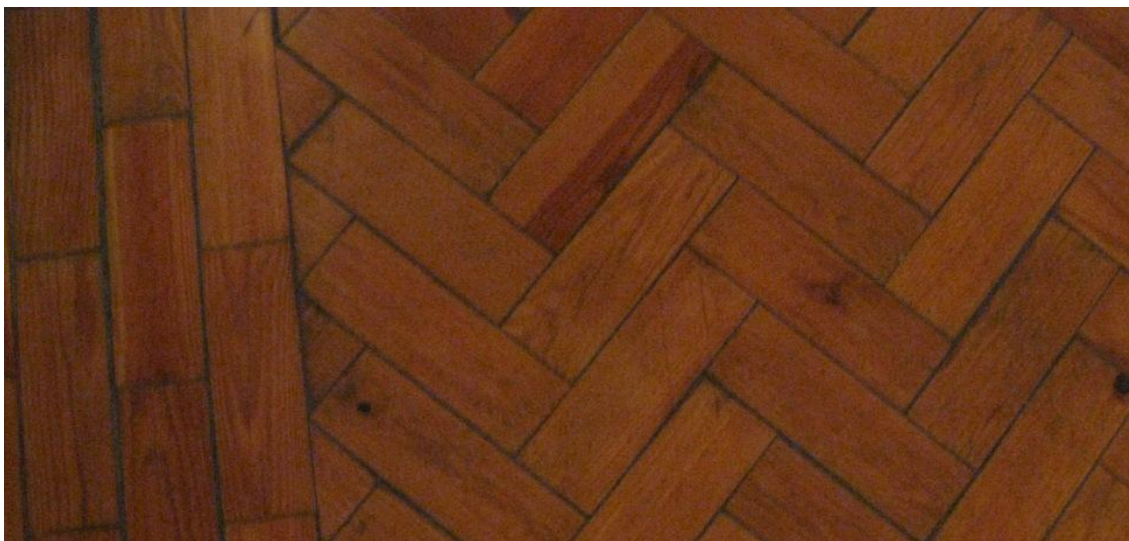


Figura 22: Pavimento actual no coro baixo (relativamente recente).

Com a falta de dados concretos ao nível da quantidade de material de pavimento desperdiçado aquando das remodelações, não é possível assegurar que exista em quantidade necessária para revestir todas as instalações sanitárias, querendo-se, por isso, deixar outra alternativa caso esta não bastasse. Nos pavimentos e revestimentos das instalações a opção poderia passar pelo grés porcelânico, que se pode encontrar em variados fabricantes de sucesso em Portugal. É um material resistente e que pode ser reciclado no seu fim de vida para, por exemplo, dar origem a pedras para bancadas de cozinha através da sua trituração e junção com outros desperdícios como cinzas vitrificadas, espelhos e vidros.

Não querendo fazer uma listagem exaustiva de todas as opções que ter-se-ia de tomar ao nível da escolha de materiais se o projecto fosse efectivamente realizado, este último exemplo poderia ser realmente uma boa opção para as bancadas dos apartamentos da residência sénior.

Quanto aos isolamentos optou-se sempre que possível pelo uso de aglomerado de cortiça expandida, tanto ao nível dos revestimentos de gesso cartonado nas paredes interiores preexistentes de alvenaria de tijolo, tanto nos tectos falsos. Para os revestimentos pode-se dar como exemplo a placa Gypcork de aglomerado de cortiça e gesso cartonado que pertence à marca Gyptec Ibérica com produção de gesso cartonado na Figueira da Foz, sendo que, segundo a própria marca, são utilizadas no fabrico matérias-primas ecológicas e métodos não poluentes.

A cortiça é o produto português por excelência; Portugal é o maior produtor mundial desta matéria-prima. Ela é 100% reutilizável, biodegradável, renovável e reutilizável, permite a preservação das florestas nacionais, tem características excelentes em termos de conforto, isolamento térmico e acústico, durabilidade, resistência à água e combustão retardando a progressão de incêndios. Para além disso é extremamente versátil, é leve e tem interessantes qualidades texturais e visuais.

De referir que as paredes exteriores do edifício não são isoladas para aproveitar as propriedades de inércia térmica que a alvenaria de pedra, de espessura que chega a atingir os 1,3 metros, naturalmente possui.

Para a compartimentação e reformulação de espaços recorre-se a dois sistemas construtivos, um através de lajes maciças e paredes portantes em betão armado para as zonas que foram aumentadas para dar lugar à cozinha do restaurante e ao estacionamento subterrâneo, e outro para as paredes interiores recorrendo a tabiques de estrutura metálica com isolamento acústico e revestimento de gesso cartonado. Esta última escolha deve-se ao facto de se querer uma intervenção económica e simples, e como se trata de um sistema leve é muito fácil de se retirar aumentando a flexibilidade do edifício no sentido de dar a possibilidade de ser novamente transformado para outros usos (podendo até reaproveitar-se os próprios tabiques).

### **3.9 Nota final sobre aspectos relativos à sustentabilidade do projecto**

A iluminação exterior é, sempre que possível, feita com recurso às próprias árvores através de luminárias apontadas para estas, dando um efeito luminoso mais agradável e possibilitando o não uso de postes de iluminação convencionais. A poupança é muito maior, não há prejuízo a nível visual, pois antes pelo contrário podem existir apenas as árvores como elementos de paisagem, e a iluminação é mais difusa e confortável para os transeuntes.



#### 4. CONCLUSÃO

Este Projecto Final de Mestrado abordou a problemática do desenho quando confrontado com o desejo de intervenções que se pretendem mais sustentáveis, económicas e justificadas social e ambientalmente.

Aspectos que se consideram hoje essenciais para processos mais conscientes, como a escolha do tipo de intervenção ou a definição programática, demonstram que não é apenas a escolha de mecanismos de energias renováveis ou sistemas de recolha e tratamento de águas que são relevantes nestes processos muito complexos que influenciam intervenções arquitectónicas mais responsáveis face aos novos paradigmas ecológicos.

Concluiu-se ser efectivamente importante ter como base do processo projectual um método e um processo de pensamento que relacione as diversas etapas do “metaprojecto” (i.e. da organização e desenvolvimento do projecto) com as questões económicas, sociais e ambientais inerentes ao conceito da sustentabilidade. Permitir a criação de uma obra que perdure no tempo, preservando valores e qualidades, procurando manter espaços com identidade é hoje um imperativo ético e social que se impõe à atenção dos projectistas, no sentido de reverem e melhorarem os seus processos de intervenção no território e perante obras já construídas.

A reabilitação é vista cada vez mais como um factor determinante para mudar o rumo das cidades, combatendo a falta de qualidade dos espaços, preservando valores insubstituíveis, minimizando os desperdícios, contribuindo para uma relação pessoas/ arquitectura/ cidade mais sustentada e socioculturalmente fundamentada.

A reutilização e reciclagem das estruturas, dos espaços, dos elementos, dos materiais poderá ser uma via eficaz no sentido de contribuir para uma redução drástica dos desperdícios, com benefícios económicos e ambientais inegáveis e sem afectar as questões estéticas.

Com o desenrolar do processo de projecto foi possível perceber que o Hospital de Santa Marta tem um potencial valioso no que toca às possibilidades de reuso e reciclagem de materialidades e elementos construtivos. A recolha de dados das preexistências, o estudo da sua reutilização e reciclagem, e a escolha de materiais novos que sejam renováveis, reutilizáveis, recicláveis, e economicamente viáveis são



métodos de trabalho que contribuem para uma intervenção mesmo gastadora e mais consciente.

O Convento-Hospital de Santa Marta é um complexo com valores históricos, culturais e arquitectónicos relevantes; com a sua reabilitação abrem-se portas para a construção de um lugar mais virado para a cidade e a sua população, mais aprazível, aproveitando as qualidades únicas de uma estrutura tipológica complexa e adaptável, como é o caso do Convento, para se propor um programa socialmente necessário que procura resolver as necessidades especiais de grupos etários que aumentam nos nossos dias como é o caso da Residência Sénior.

Com a remodelação do espaço exterior e a escolha de uma nova programação ao mesmo tempo que se ponderou e se procedeu à preservação e integração da memória e permanências na intervenção respeitando a vocação do lugar, devolveu-se à população este pedaço de cidade com inúmeras potencialidades que se encontravam claramente desaproveitadas.

Dar atenção à realidade contextual e envolvente da cidade e da população; garantir a manutenção dos valores preexistentes e o alargamento da vida útil do espaço construído; respeitar a memória e a identidade do lugar; ao mesmo tempo que se corresponde às necessidades de vida actuais (com os olhos postos também num futuro a médio e curto prazo), que se introduzem novas qualidades espaciais contemporâneas e se minimizam os desperdícios, traduz um conjunto de atitudes e acções a tomar pelos projectistas no sentido de arquitectar um futuro mais sustentável e por isso mais risonho para todos e cada um de nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Monografias

ADDIS, Bill – *Building with Reclaimed Components and Materials: A Design Handbook for Reuse and Recycling*. 1ª edição. Estados Unidos da América: Earthscan, 2006;

ALEXANDER, Kathie – *SustainAble: a handbook of materials and applications for graphic designers and their clients*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009;

FERNANDES, Fátima e CANNATÀ, Michele – *Territórios Reabilitados / Revamped Landscape*. 1ª Edição. Lisboa: Editora Caleidoscópio, Outubro de 2009;

PAIVA, José; AGUIAR, José e PINHO, Ana – *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Volume I, 1ª edição. Lisboa: LNEC, 2006.

Livia Tirone e Ken Nunes – *Construção sustentável; soluções eficientes hoje, a nossa riqueza de amanhã*. 2ª edição. Sintra: Tirone Nunes, SA, Maio 2008.

### Dissertações e teses

BASTOS, José – *Construção com Desperdícios: do ambiental ao social*. Porto: Universidade Lusíada, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2009. 182pp. [Consultado em 12 Nov 2012] Disponível em WWW: <URL:

[http://issuu.com/moorfologia/docs/construcao\\_com\\_desperdicios\\_do\\_ambiental\\_ao\\_social](http://issuu.com/moorfologia/docs/construcao_com_desperdicios_do_ambiental_ao_social)

CANO, Maria Teresa Pérez – *Patrimonio y ciudad – El sistema de los conventos de clausura en el Centro Histórico de Sevilla. Génesis, diagnóstico y propuesta de intervención para su recuperación urbanística*. Sevilha: Universidade de Sevilha. 1993. [Consultado em 21 Jul 2013] Disponível em WWW: <URL:

<http://fondosdigitales.us.es/tesis/tesis/1706/patrimonio-y-ciudad-el-sistema-de-los-conventos-de-clausura-en-el-centro-historico-de-sevilla-genesis-diagnostico-y-propuesta-de-intervencion-para-su-recuperacion-urbanistica/>

EVANGELISTA, Sandra Mariana Ferreira Simões – *Sustentabilidade em Centros Históricos, A Baixa Pombalina*. Lisboa: IST, UTL, Dezembro 2008. 96pp (contém anexos). Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura;

RODERS, Ana Pereira – *RE-ARCHITECTURE: Lifespan rehabilitation of built heritage, basis*. Eindhoven: Technische Universiteit Eindhoven, 2007. 231pp. Tese para obtenção do Grau de Doutor.

SANTOS, António José Damas da Costa Lobato dos – *Desconstrução de Edifícios: uma Perspectiva Arquitectónica*. Lisboa: IST, UTL, Novembro 2010. 483pp. Dissertação para obtenção do Grau de Doutor em Ciências de Engenharia.

SILVA, Alexandre Salreta Duarte – *Arquitectura Ecológica: Materiais Não-Convencionais: A Reutilização dos Materiais na Arquitectura*. Lisboa: FA, UTL, 2011. 87pp (contém anexos). Texto policopiado. Tese de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura de Interiores. [Consultado em 7 Nov 2012] Disponível em WWW: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/4039>

#### Documentos consultados electronicamente

BRITO, Jorge de – *A reciclagem de resíduos da construção e demolição*. in workshop “A reciclagem na casa do futuro” (Aveirodomus) [Em linha, ficheiro .pdf] Lisboa: IST, UTL, 2006. 42pp. [Consultado em 7 Nov 2012] Disponível em WWW: <URL:

<http://www.aveirodomus.pt/workshop/6%20Reciclagem/4%20Jorge%20Brito.pdf>

BRITO, Jorge de e GONÇALVES, Paulo – Utilização de agregados reciclados em betão. Análise comentada da regulamentação existente. Nº32. Lisboa: IST, UTL, 2008. 14pp. [Consultado em 12 Jun 2013] Disponível em: WWW: <URL: <http://www.civil.uminho.pt/revista/n32/Pag%2073.pdf>

DUARTE, Rui Barreiros – *O Território, a Cidade e a Arquitectura face à Mudança do Paradigma Energético*. Artigo publicado na revista ARTITEXTOS 04, Junho de 2007. [Consultado em 27 de Maio de 2013] Disponível em WWW: <URL: <http://www.rbdapp.com/artitextos04.pdf>

SYMONDS et al. – *Constructing and demolition waste practices and their economic impacts in Management of Construction and Demolition Waste*. European Commission Directorate-General Environment, Directorate E -Industry and environment, ENV.E.3 - Waste management. Bruxelas: Comissão Europeia, 1999. [Consultado em 6 Jan 2013] Disponível em WWW: <URL:

[http://ec.europa.eu/environment/waste/studies/cdw/cdw\\_report](http://ec.europa.eu/environment/waste/studies/cdw/cdw_report)

#### Outros documentos

AGUIAR, José e PACHECO, Pedro – *Construir no construído, heterotopias, memória e cidade - A Colina de Sant’ana*, Doc. 02. Policopiado.

### Sítios da internet

*Betão ciclópico* - WWW: <URL: <http://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/concreto-ciclopico/> [Consultado em 7 Jan 2013]

*Como reciclar entulho* - WWW: <URL:

<http://www.youtube.com/watch?v=t6aj1VsDnWw> [Consultado em 12 Jun 2013]

*Linóleo* - WWW: <URL: <http://forbopisos.wordpress.com/2012/12/04/o-que-e-o-linoleo-e-quais-sao-suas-vantagens/>

*Reciclagem de resíduos* – WWW: <URL:

[http://www.casaconsciente.com.br/pdf/reciclagem\\_residuos.pdf](http://www.casaconsciente.com.br/pdf/reciclagem_residuos.pdf) [Consultado em 7 Jan 2013]

*Pavimento ladrilho hidráulico* – WWW: <URL:

<http://amorimpolimentos.blogspot.pt/2011/04/piso-de-ladrilhos-hidraulicos.html>

Esta dissertação não foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Número de palavras do documento: aproximadamente 11.980.

## ANEXOS

### A1. Análise urbana

#### Rede de transportes



Fonte: Diagrama feito por Ana João, Marcos Gonilho, Filipa Tato, Luís Mateus e Joana Marques de acordo com o Levantamento dos Usos do Solo na Colina de Santana já existentes. (Base cartográfica disponibilizada pelo Centro de Cartografia da FAUTL)

### Planta de usos - Saúde



Fonte: Diagrama feito por Ana João, Marcos Gonilho, Filipa Tato, Luís Mateus e Joana Marques de acordo com o Levantamento dos Usos do Solo na Colina de Santana já existentes, pelo Portal da Saúde do Ministério da Saúde (<http://www.min-saude.pt/portal/servicos/>) e GoogleMaps 2012. (Ibidem)

Observando o levantamento desenvolvido é possível perceber que na Colina de Santana existe uma grande oferta de equipamentos de saúde, das mais diversas especialidades. No entanto, detetou-se a falta de um equipamento vocacionado para a fisioterapia e reabilitação e especialidades direccionadas para os mais idosos.

Uma grande parte dos serviços disponíveis são privados, por isso, com a desactivação dos Hospitais Cívicos a Colina ficará servida, em termos públicos, apenas pela Extensão de Saúde Duque de Loulé e pelo Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto. Neste sentido, parece também importante que num dos ainda actuais Hospitais se mantenha uma pequena Unidade Hospitalar de atendimento permanente que sirva a população da zona, visto que é maioritariamente envelhecida, com baixos recursos e dificuldades de deslocação para longe.



### Planta de usos – Ensino



Fonte: Diagrama desenvolvido por Ana João, Marcos Gonilho, Filipa Tato, Luís Mateus e Joana Marques de acordo com o Levantamento dos Usos do Solo na Colina de Santana já existentes e pelo GoogleMaps 2012. (Ibidem)

De acordo com o levantamento efectuado verifica-se que a Colina parece relativamente bem servida em termos de diversidade de equipamentos de Ensino. Assim sendo, entende-se que possa ser mais interessante propor espaços polivalentes de actividades e workshops (formação mais pontual e num curto espaço de tempo).



### Planta de usos – Equipamentos desportivos



#### LEGENDA

● Locais/Equipamentos Desportivos

Fonte: Ibidem.

Observando os levantamento encontramos alguns equipamentos desportivos situados na sua maioria próximos da avenidas, e na zona mais alta da colina.

No entanto na zona mais próxima de Santa Marta apenas encontramos um espaço de yoga, faltando um espaço aberto ao público onde se possa praticar desporto, ou simplesmente praticar diversos exercícios físicos.

### Planta de usos – Prédios devolutos

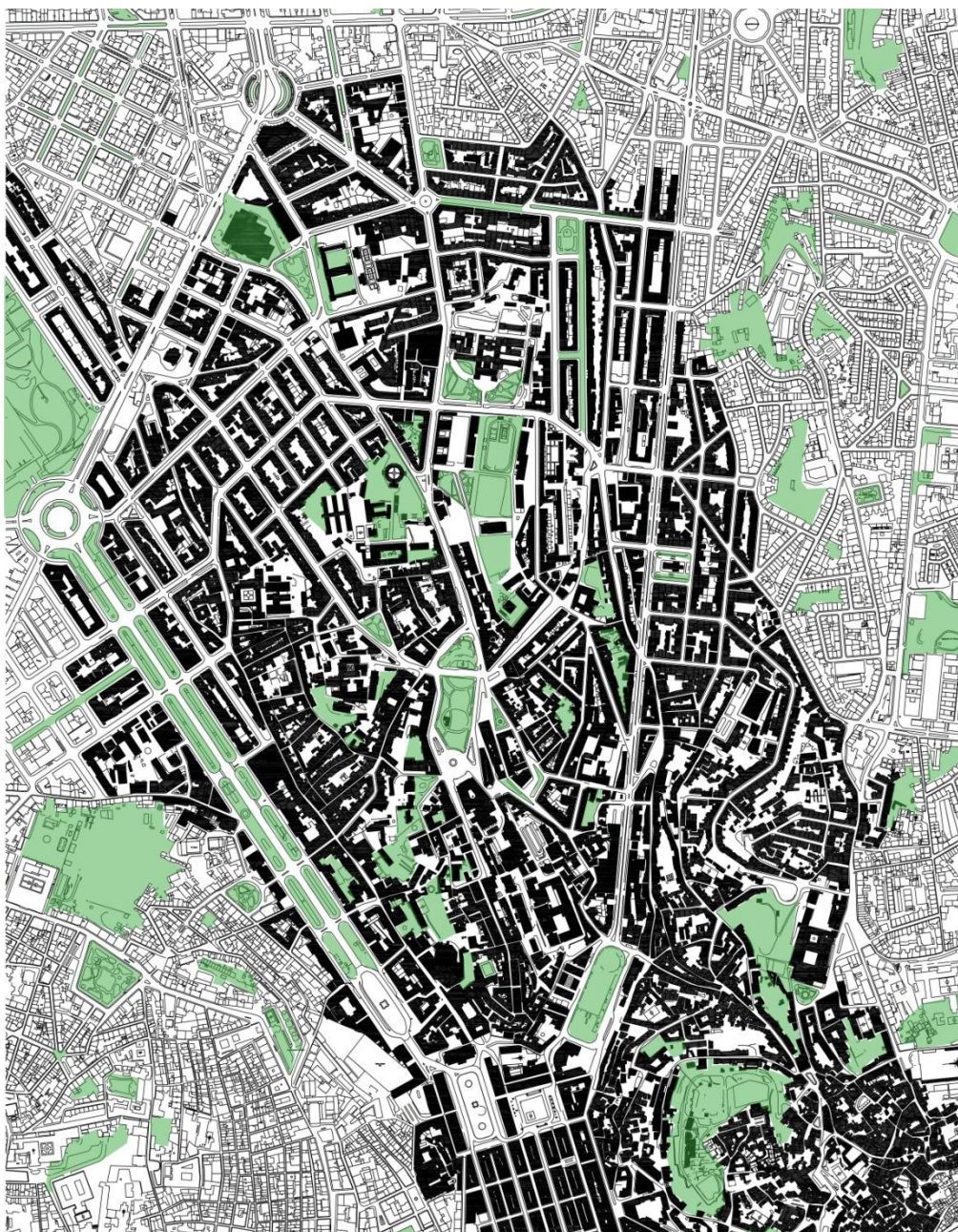


Fonte: Diagrama feito por Ana João, Marcos Gonilho, Filipa Tato, Luís Mateus e Joana Marques de acordo com o Levantamento dos Imóveis Devolutos realizado pela Camara Municipal de Lisboa em Dezembro de 2009 e pela consulta do GoogleMaps 2012. (Ibidem)

De acordo com o Decreto de Lei Nº 159/2006, considera-se devoluto "o *prédio urbano ou a fracção autónoma que durante um ano se encontre desocupada, sendo indícios de desocupação: a inexistência de contratos em vigor com empresas de telecomunicações, de fornecimento de água, gás e electricidade; a inexistência de facturação relativa a consumos de água, gás, electricidade e telecomunicações.*" Analisando o levantamento verifica-se que, tal como na cidade em geral, na Colina de Santana existe um grande número de fogos e edifícios devolutos, motivo pelo qual não parece fazer sentido propor um programa de habitações permanentes. Assim, refuta-se o que o novo PDM de Lisboa prevê para os Hospitais da Colina que já os classifica como "Espaços Centrais e Residenciais a Consolidar", pois não parece lógico privatizar completamente o Hospital de Santa Marta tornando-o nalgum condomínio privado. Fará mais sentido reabilitar e reabitar os inúmeros edifícios devolutos existentes.



## Rede de espaços verdes

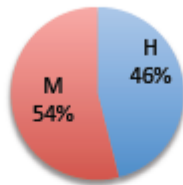


Fonte: Diagrama feito por Ana João, Marcos Gonilho, Filipa Tato, Luís Mateus e Joana Marques. (Ibidem)

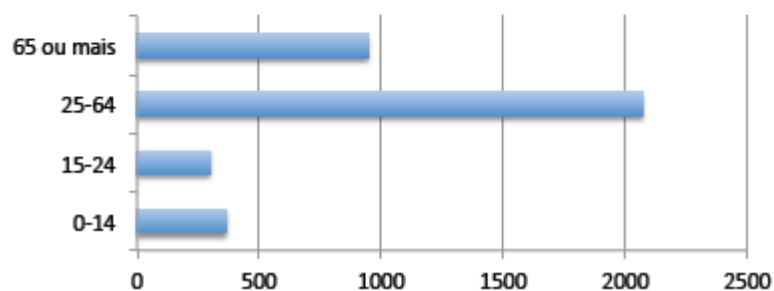
Tornar a área de intervenção num ponto verde de passagem e ao mesmo tempo um agradável local de convívio e permanência poderá contribuir para uma interessante ligação entre o Parque Eduardo VII e o Campo de Santana.

## A2. Dados estatísticos referentes à população da freguesia do Coração de Jesus

### POPULAÇÃO POR SEXO (%)



### POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA



Fonte: Censos 2011. Autor dos gráficos desconhecido.

A freguesia tem um total de 3689 habitantes, na sua maioria mulheres (54%).

Existe um índice alto de envelhecimento de aproximadamente 2,5 idosos (65 ou mais anos) para 1 jovem (0 a 14 anos).

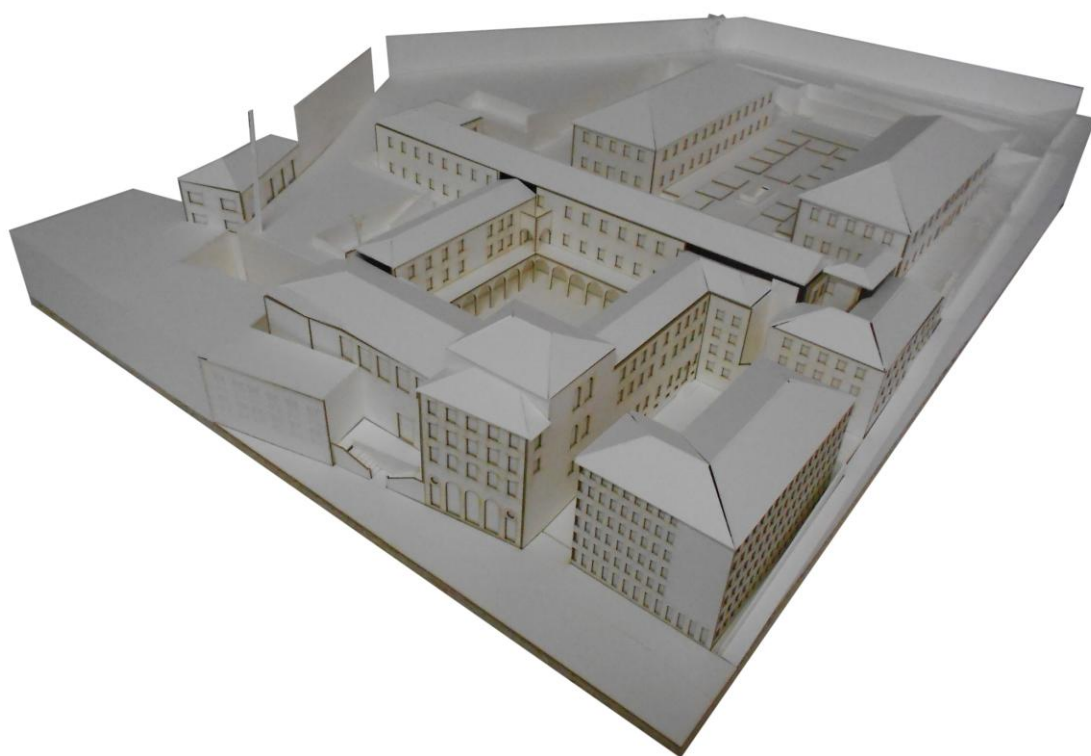
Mais de metade da população encontra-se compreendida entre os 25 e os 64 anos.

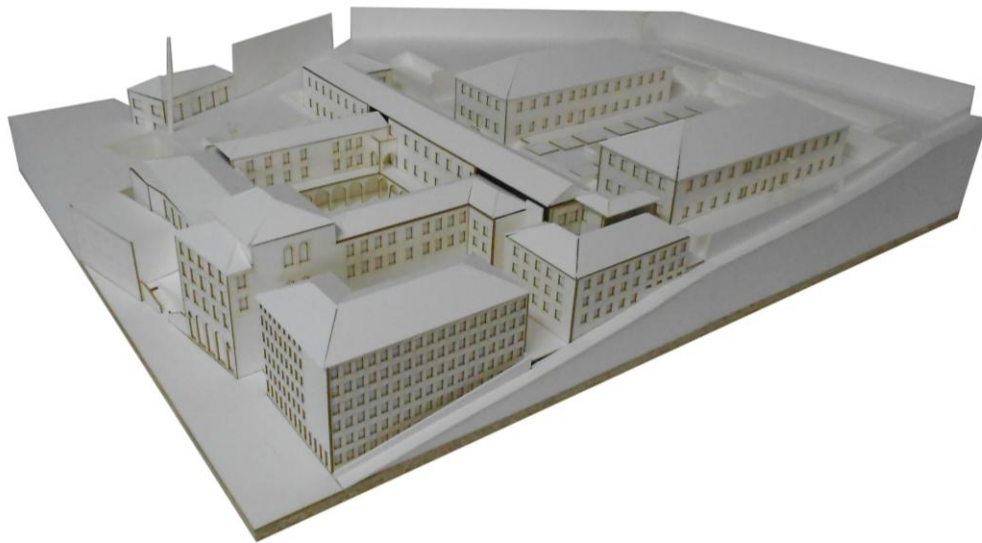


### A3. Fotos actuais

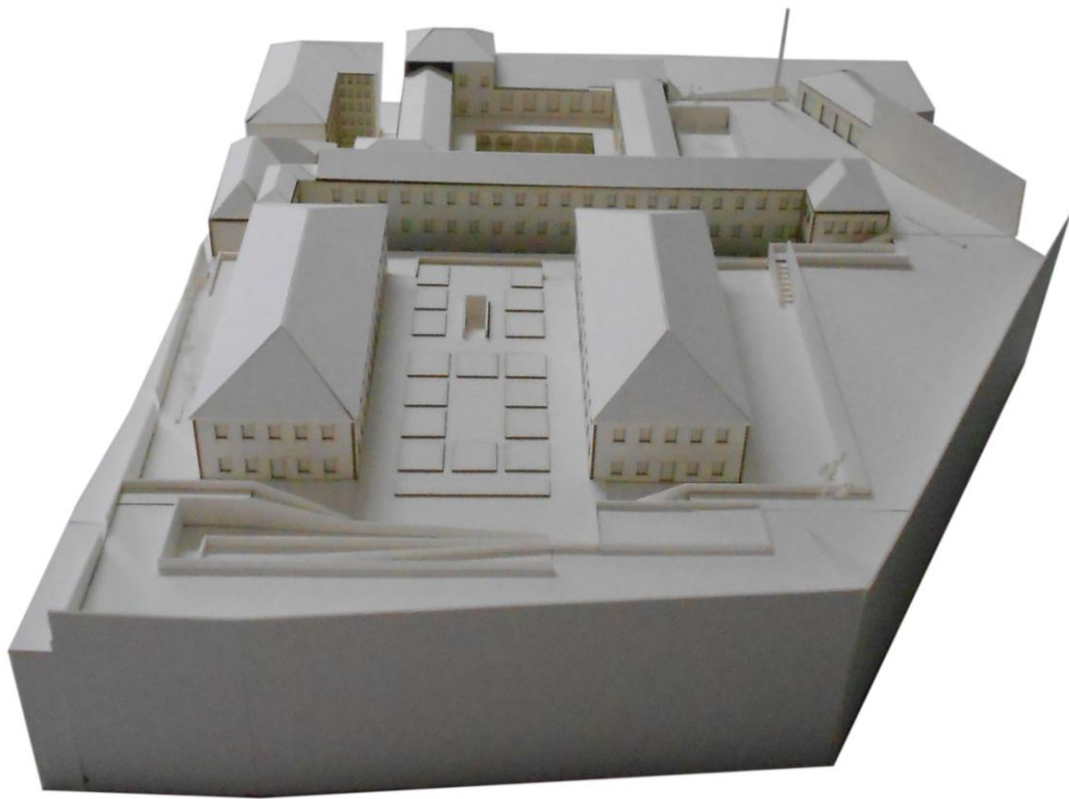
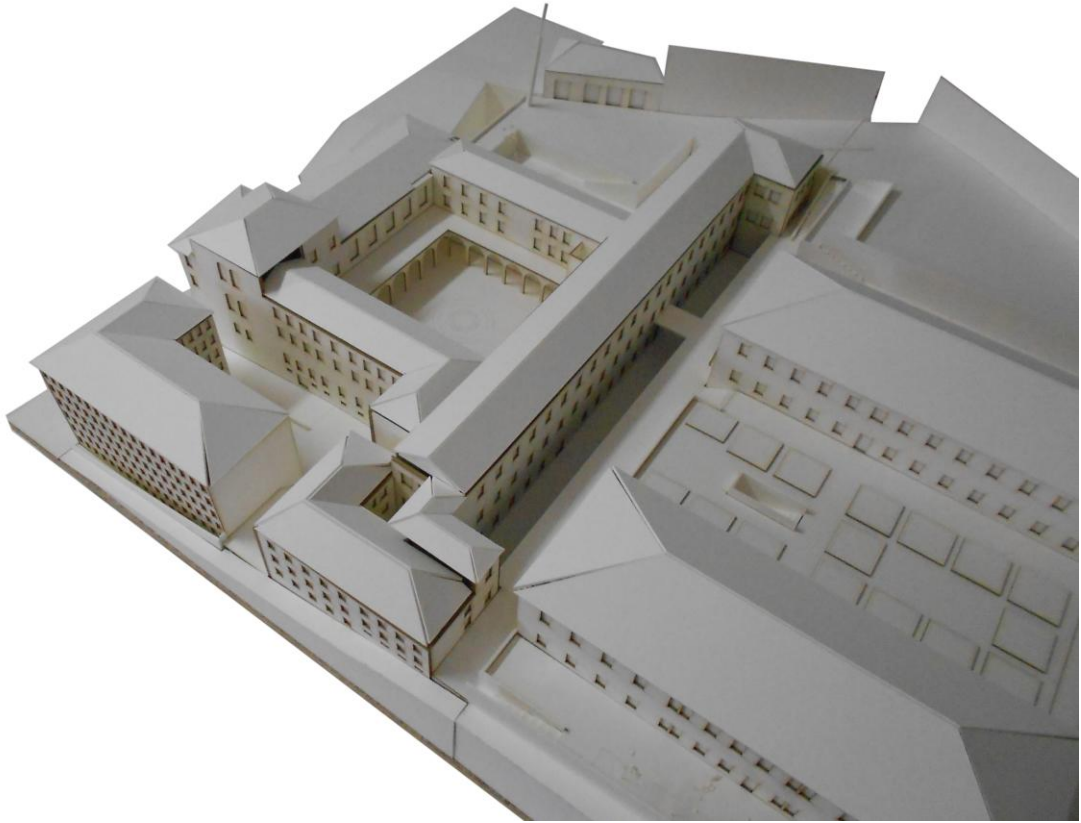


## A5. Fotos da maquete











## A6. Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvila

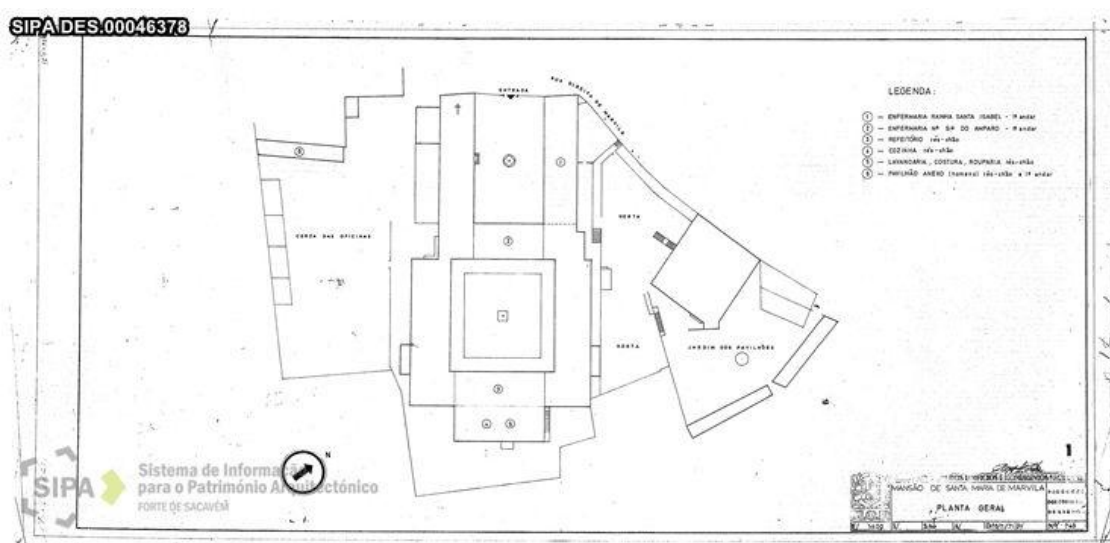
Este Convento serviu desde Asilo de Mendicidade a Asilo de Velhos, como era designado, desde 1874.

Em 1973 assume a actual designação de Mansão de Santa Maria de Marvila destinada ao acolhimento de pessoas idosas ou doentes mentais, com inauguração de residência na ala Sul do claustro em 1991.

Não foi possível ter acesso a informação desenhada quanto à distribuição actual da tipologia, pelo que se apresenta apenas as imagens mais antigas retiradas do website<sup>1</sup> do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA):



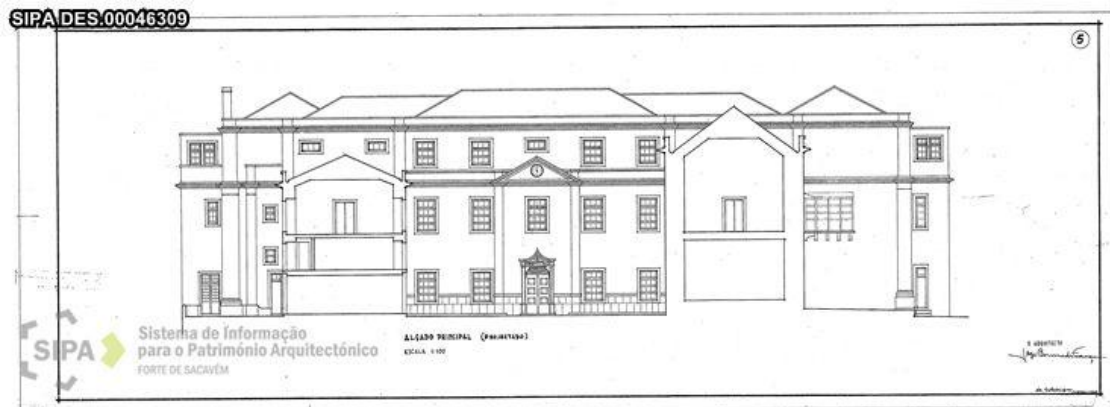
Fachada Principal, 2002



<sup>1</sup> [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5946](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5946)



SIPA DES.00046309



SIPA DES.00046307

